A Liahona

25/9 setembro 1972

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Milton R. Hunter

Do Primeiro Conselho dos Setentas

Desde o aparecimento do Livro de Mórmon, tem sido descoberto um número surpreendente de evidências arqueológicas e científicas que atestam sua veracidade. Entretanto, o estudo de demonstrações materiais por si só não proporciona testemunha. Como disse o Élder Milton R. Hunter:

"Poderíamos estranhar por que tantas pessoas inteligentes vêm rejeitando o Livro de Mórmon. Talvez seja por haver tanta coisa que chamariam de miraculosa, relacionada com sua origem, preservação, surgimento e tradução.

"O Apóstolo Paulo deixou claro que somente pela operação do Santo Espírito de Deus é que o homem pode entender e aceitar as coisas espirituais, dizendo que 'ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

"'Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.' (I Cor. 2:11,14)

"Assim, o homem comum, cujo coração não é movido pelo Espírito Santo, considera o Livro de Mórmon e todas as grandes e maravilhosas coisas feitas por Jesus Cristo para sua preparação e revelação, como fantásticas, forjadas e falsas. Por outro lado, quando o Espírito Santo testifica da natureza divina do Livro de Mórmon ao coração e à alma do homem, aquele de mentalidade espiritual reconhecerá a autenticidade divina desse livro, e tal realidade se torna muito importante para o seu inteiro ser, fazendo-o sentir-se continuamente impelido a testificá-la. Presto-vos o meu testemunho de que sei positivamente que o Livro de Mórmon é verdadeiro."

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Milton R. Hunter 2
As Bençãos do Sacerdócio. Pres. Joseph Fielding Smith 3
Joseph Fielding Smith — 1876 — 1972 5
Como Ir Daqui Para Lá. Marvin J. Ashton 6
Amor Incondicional. Marion D. Hanks 8
Responsabilidades do Sacerdócio. Presidente Harold B. Lee 11
Uma Entrevista com o Conhecido Explorador Thor Heyerdahl 14
Repetição nas Escrituras. John A. Tvedtnes 19
Perguntas e Respostas 20
Tudo Bem. Mary Pratt Parrish 23
Os Vencedores. Lovisa Hurtado 26
Ligue os Pontos — Quebra-Cabeça Numérico 29
Alma o Filho. Mabel Jones Gabbott 30
Brigham Young... Arthur R. Bassett 31
Não Terás... Sterling W. Sill 37
"Elevar aos Céus Nosso Olhar". John H. Vandenberg 40
Nossa Responsabilidade: Salvar o Mundo. Delbert L. Stapley 45
Notícias da Igreja no Brasil. 48

CAPA

Recentemente, o explorador norueguês, Thor Heyerdahl, discutiu suas últimas viagens com jovens da Igreja. Algumas das perguntas apresentadas e respectivas respostas podem ser encontradas na p. 14 deste número d'A Liahona. A capa mostra fotografias do explorador e seus jovens amigos, o Ra I em construção, o Ra II em alto mar e o macaquinho "mascote" sentado num dos jarros de suprimentos.

A Liahona 25/9 setembro 1972

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Joseph Fielding Smith
Harold B. Lee
N. Eldon Tanner

CONSELHO DOS DOZE
Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
Marion G. Romney
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR
Osiris Grobel Cabral

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

ESTACA DE CURITIBA
R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL
R. Princesa Isabel, 342
CP 1513, Porto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE
Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Lonotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 15,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,50; exemplar atrasado: Cr$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

As Bençãos do Sacerdócio

Presidente Joseph Fielding Smith

Caros irmão do Sacerdócio: Sou grato por estar aqui convosco nesta reunião do Sacerdócio e desejo falar umas poucas palavras a respeito do uso desse poder em prol da humanidade.

Este Sacerdócio administra o Evangelho. É uma delegação de autoridade do Senhor, e foi-nos dado, para que possamos fazer o que for necessário para salvar e exaltar a nós próprios e a nossos semelhantes no reino celestial.

Em uma das primeiras revelações ao Profeta Joseph Smith, disse o Senhor: "Se fizeres o bem, sim, e te conservares fiel até o fim, serás salvo no reino de Deus, que é o maior de todos os dons de Deus; pois não há dom maior do que o da salvação." (D&C 6:13)

Pois bem, a salvação, a maior das bênçãos que qualquer homem pode receber, é alcançada pela obediência às leis do Evangelho; e o Evangelho é administrado pelo poder do Sacerdócio; e assim, o Sacerdócio foi-nos dado para nosso próprio benefício e o dos demais filhos de Deus.

É pelo poder e autoridade do Sacerdócio que se prega o Evangelho, e poderá haver bênção maior na vida de alguém do que receber o Evangelho?

É pelo poder do Sacerdócio que o homem é batizado para a remissão dos pecados e recebe a força santificadora do Espírito Santo em sua vida.

Recebemos o Sacerdócio de Melquisedeque por convênio, prometendo magnificar nossos chamados e viver por "toda a palavra que sai da boca de Deus." (Mateus 4.4). O Senhor promete que, se fizermos todas estas coisas, ganharemos a exaltação no céu supremo do mundo celestial.

O casamento para o tempo e toda a eternidade é uma "ordem do Sacerdócio", na qual as partes contratantes têm promessa de reinos e tronos, se forem verdadeiros e fiéis às suas obrigações.

Os irmãos portadores do santo Sacerdócio estão autorizados a administrar aos enfermos, a fim de restaurar a saúde e vigor do santo fiel, se "não estiver designado para morrer."

O mesmo se passa em todas as esferas do serviço da Igreja. O Senhor oferece suas bênçãos aos santos e ao mundo, por intermédio da ministração daqueles que possuem esse santo Sacerdócio, que o representam, que de fato são seus servos e agentes e estão dispostos a servi-lo e aguardar seus mandamentos.

Meu apelo a todos os irmãos do Sacerdócio é que usem a autoridade que receberam primeiro em prol de si mesmos, e depois em benefício de seus semelhantes — atuando sempre em harmonia com a ordem estabelecida na Igreja.

Aqueles que podem e são dignos, devem atender ao chamado de pregar o Evangelho em seu domicílio e longe de casa. Os maridos podem abençoar sua esposa e filhos. Todos nós devemos nos qualificar para as bênçãos da casa do Senhor, que são bênçãos do Sacerdócio a nós concedidas.

Meus caros irmãos, esta questão de possuir o Sacerdócio não é uma coisa de somenos. Estamos lidando com o poder e autoridade do Senhor, os quais ele nos deu abrindo os céus nos dias de hoje, a fim de que dispuséssemos novamente de todas as bênçãos, como nos dias em que o homem foi colocado na terra.

Oro que todos nós possamos aprender nossos deveres; que possamos ter em alta conta o Sacerdócio; que magnifiquemos nossos chamados; e possamos usá-lo em benefício próprio, de nossos irmãos e de todos os que derem atenção à mensagem salvadora que levamos a todas as partes do mundo.

Desejo dar minha bênção, neste momento, a todos aqueles que receberam o Sacerdócio, foram ordenados, têm um ofício e nele são fiéis.

Nossa obrigação não é apenas de receber este Sacerdócio para nosso próprio bem, mas para bênção e benefício de todos aqueles que, espalhados pela face da terra, estejam dispostos a arrepender-se e aceitar o Evangelho; e levaremos esta mensagem ao mundo inteiro. Esta é a nossa responsabilidade.

Desejo expressar meu apreço e minha disposição de, juntamente convosco, meus caros irmãos, fazer todo o possível para proporcionar a salvação a toda alma do mundo desejosa de arrepender-se, e digo isto em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

sem importância

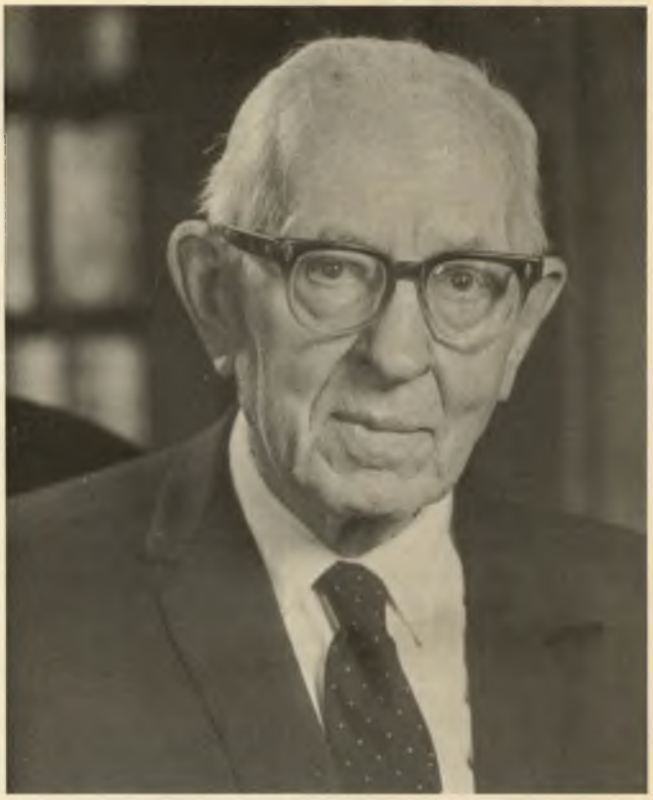
Joseph Fielding Smith
1876 - 1972

Domingo, dia 2 de julho, cerca de 21h20 m, o Presidente Joseph Fielding Smith veio a falecer na casa de seu genro, Élder Bruce R. McConkie. Segundo palavras do Élder McConkie: "Seu passamento foi doce e fácil, tão calma e pacificamente como se estivesse adormecido, e de fato estava; deu-se com ele o mesmo que nos tempos antigos, quando Jesus disse: 'Lázaro dorme.' Faleceu na mesma poltrona onde sua bem-amada Jessie sentara quase onze meses, até o dia em que respondeu a um chamado semelhante."

Sentiremos profundamente a perda do Presidente Smith, pois sua vida foi plena de devoção, serviço e exemplo. Mas, conforme as palavras do Presidente N. Eldon Tanner, "Este acontecimento deve significar alegria — e não tristeza — por termos podido desfrutar de sua vida e companhia, com a certeza de que ele partiu, a fim de obter o grande galardão, para o qual estava tão bem preparado.

Os funerais do Presidente Smith foram realizados quinta-feira, 6 de julho, sendo seu corpo sepultado na necrópole da Cidade de Lago Salgado.

O Presidente Smith nasceu a 19 de julho de 1876, filho de Julina Lambson Smith e Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja e filho de Hyrum Smith, irmão do Profeta Joseph Smith. Foi ordenado apóstolo em 1910, com a idade de 33 anos. Tornou-se Presidente da Igreja a 23 de janeiro de 1972.



Presidente Harold B. Lee

1.º Cons. N. Eldon Tanner

2.º Cons. Marion G. Romney

Pres. Spencer W. Kimball do Conselho dos Doze

Sexta-feira, 7 de julho, no templo de Lago Salgado, o Presidente Harold B. Lee foi ordenado e designado décimo-primeiro presidente da Igreja. Tal fato ocorreu após uma reunião do Conselho dos Doze, que foi a autoridade-presidente da Igreja desde o passamento do Presidente Smith. O Presidente Lee designou o Presidente N. Eldon Tanner como seu primeiro conselheiro, e o Élder Marion G. Romney, do Conselho dos Doze, como seu segundo conselheiro. O Presidente Spencer W. Kimball foi designado presidente do Conselho dos Doze.

CONSTITUÍDA NOVA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Como Ir Daqui Para Lá

Marvin J. Ashton

Do Conselho dos Doze

Ao contemplar esta vasta audiência de portadores do Sacerdócio e o que tenho na mente e coração a transmitir-lhes hoje, meus pensamentos remontaram a certo moço, desnorteado e confuso, perdido numa cidade grande. Em desespero de causa, parou um transeunte e indagou: "Como posso ir daqui a tal e tal lugar?" Depois de refletir bastante e levando em consideração os arranha-céus, o tráfego intenso, as ruas confusas, rios sinuosos, vias expressas, pontes, túneis e coisas tais, o homem respondeu: "Daqui é impossível."

Tenho-me lembrado seguidamente desse aviso, ao observar particularmente alguns de nossos jovens em sua atual situação na vida. Eles estão perdidos, desnorteados, confusos, assustados, angustiados, inseguros e desanimados. Que tragédia estar-se em tais apuros e, em resposta às perguntas: "Como posso voltar ao ponto de onde vim?" ou "Como chegar aonde quero ir?", ser informado: "Daqui é impossível chegar lá."

Os discípulos do maligno ensinam que não há como voltar: Vivam a vida, todo mundo está fazendo isso, fiquem com os que estão por dentro, e é mais divertido estar perdido. O demônio é inimigo dos caminhos de Deus e fascina para o pecado.

"Portanto, todas as coisas boas vêm de Deus, e as que são más vêm do demônio; pois o demônio é inimigo de Deus e luta constantemente contra ele, tentando e incitando todos ao pecado e a fazerem continuamente o que é mau." (Morôni 7:12)

Que dia feliz não será quando, em contraste com a experiência do moço perdido na cidade grande, ele ou outros encontrarão alguém que dirá: "Sim, é possível ir daqui para lá. Vem, segue-me."

Humildemente, mas com toda a minha força, declaro à juventude "perdida", moços e moças do mundo inteiro: vocês podem voltar do ponto onde estão. O grande programa de serviços sociais da Igreja, operando como auxiliar do Sacerdócio, estende a mão amiga aos nossos jovens com problemas sociais e emocionais. Como afirmou o Presidente Smith, hoje à noite: honrando nosso Sacerdócio, podemos ajudá-los a encontrar o caminho de volta à alegria e estabilidade.

Jovens, não se deixem iludir. Deus os ama. Ele se importa. Deseja que retornem ao caminho dele, onde existe conforto, companheirismo e propósito. Como líderes, temos que encontrar meios efetivos de comunicar à juventude que Deus os ama, não importa onde estejam. Precisamos sacrificar nosso tempo e talentos nesse sentido.

"E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada." (Hebreu 13:16)

Rogo a Deus que, no futuro, consigamos comunicar aos que nos cercam o caminho para a vida positiva, feliz, abundante.

Gostaria de contar-lhes brevemente algumas experiências de certos amigos nossos, que estão provando ser possível chegar lá partindo de onde estão.

Roger Locke, um amigo meu, está atualmente confinado na Penitenciária Estadual de Utah. (A propósito, estive com Roger há poucos dias, e tenho a permissão dele e do Diretor John Turner para mencionar seu nome e pensamentos.)

Incidentalmente, gostaria de que vocês, jovens portadores do Sacerdócio Aarônico, não se esquecessem de que, quando vou fazer visitas na prisão, sob certo aspecto encontro dificuldade parecida à dos reclusos, isto é, entrar é fácil, mas sair é difícil: a dificuldade surge, quando sou detido por prisioneiros que querem conversar comigo. Na minha última visita, um moço parou-me e ficamos falando durante quinze minutos de que eu julgava não poder dispor. Quando me despedi, ele disse uma coisa que dificilmente poderei esquecer: "Obrigado por falar comigo." Naquela noite, a caminho de casa, recordei que, naqueles quinze minutos, devo ter dito umas vinte e quatro ou vinte e cinco palavras; contudo, acredito que seja esse tipo de falar e escutar que devemos cultivar mais. Mas isto é um outro assunto. Voltemos ao que falou Roger:

"Não quero culpar ninguém lá de casa pelo fato de estar preso hoje, mas realmente não tive nenhum relacionamento familiar. Estou participando do programa de reuniões familiares aqui na prisão. Sem os 'pais' que me foram designados através desse serviço social, há muito que eu teria desistido. Eles me amam como se eu fosse realmente filho deles. Nunca tive isso, nem mesmo quando garotinho. Agora, com a ajuda deles e de outros, creio que conseguirei reabilitar-me algum dia. Não sinto orgulho de estar preso, mas tenho orgulho de minhas recentes experiências aqui. Temos a tendência de pôr a culpa nos outros. Não queremos acusar nossos pais de não nos amarem, pois sabemos que nos amam, mas talvez tenha-lhes faltado a orientação certa, quando nos criavam."

Na opinião de muitos de nós, talvez Roger tivesse razão para não acreditar na possibilidade de poder voltar, pois se afastou demais. Mas ele não pensa assim. Pelo contrário,

ele é grato aos que atualmente o ajudam e sinceramente agradecido pelo rumo que sua vida hoje está tomando.

Os que freqüentam as reuniões da Igreja nas prisões são uma minoria, infelizmente, e muitas vezes motivo de chacota para os companheiros. Este excelente jovem, porém, bendita seja sua coragem, não se envergonha de ser contado na penitenciária como pertencente à turma dos beatos. Parece decidido a conseguir voltar de onde está.

Poucas semanas atrás, conversando com um élder no campo missionário, durante a entrevista indaguei: "Seu pai é membro da Igreja?"

"Não."

"E sua mãe?" voltei a perguntar.

"Mal e mal", respondeu sorrindo.

"Seu pai queria que você fizesse missão?" insisti.

"Não."

"E sua mãe desejava isso?"

"Ela realmente não se importava que eu fosse ou não."

"E quem foi que o influenciou mais para ir?"

Sem hesitar, respondeu:

"Eu. Sempre quis fazer missão e sabia que poderia torná-la um sucesso."

Olhando-o bem nos olhos, eu disse:

"Pelo que ouvi e pelo espírito que sinto em vocês, ela será um sucesso." Esse moço é um indivíduo decidido, que, meses atrás, poderia ter dito: "Meu pai não se importa. Minha mãe não liga. Por que deveria eu me importar?" Esse excelente missionário sabe da importância de seguir em frente, e tem a coragem de continuar trilhando o caminho que leva à felicidade. Admitiu que, certa vez, estava perdido, mas agora sabe realmente para onde vai e como chegar lá.

Durante uma visita a um reformatório juvenil há poucos meses, minha atenção foi despertada por três garotas que conversavam, pouco antes de iniciar-se nosso serviço religioso. Pareciam ter de dez a doze anos. Soube depois que estavam ali apenas por uns poucos dias, até se resolverem certos problemas. Enquanto aguardávamos o início da reunião, elas pareciam entretidas em conversa séria. "Sobre o que estariam conversando?" perguntei-me mentalmente. A curiosidade levou-me a chegar mais perto, procurando captar algumas palavras. Fiquei comovido ao ouvir uma das garotas comentar: "Fico imaginando se hoje vai aparecer alguém que queira levar-me para casa. Seria gostoso viver com alguém que me estimasse."

Ali estava uma pequena de dez anos que não era querida. Seus pais haviam dado aos assistentes sociais a impressão de ficarem contentes de se verem livres dela. Foi uma grande alegria saber posteriormente que assistentes sociais da Igreja devidamente licenciados haviam encontrado um novo lar para ela, onde foi adotada, era amada e recebia orientação paternal. Pais adotivos amorosos ajudam-na agora a encontrar seu caminho, dentro do calor da unidade e união familiar.

Atualmente, muitos toxicômanos procuram com desespero encontrar o caminho da reabilitação. É um caminho árduo, um tremendo desafio. Tenho a satisfação de poder dizer que muitos estão conseguindo vencê-lo, graças a amigos e membros voluntários, portadores do Sacerdócio, que se importam, preocupam-se e são compreensivos. Muitas vezes nossos olhares, nossa indiferença, nossas palavras apressadas e falta de paciência transmitem a mensagem: "Para você, não há esperança. Você não consegue mais voltar. Já foi longe demais."

Depois de conversar com uma de nossas jovens, entregue às drogas há muitos meses, o único comentário animador, após mais de três horas de sincero diálogo, foi: "Obrigada por não me desprezar." Depois de mais duas visitas, ela perguntou: "O senhor acha que eu daria para professora?" Diante do sincero sim, ela continuou: "Muito obrigada. Vou tentar. Faltam-me apenas três semestres para conseguir o certificado de professora." Essa garota está conseguindo voltar. Alguém acredita nela. Alguém a convenceu de que pode voltar de onde está. O caminho que está seguindo agora a trará de volta para casa.

Gostaria de lançar um desafio hoje, a todos os portadores do Sacerdócio, moços e velhos, para que nos empenhemos com vigor em localizar e orientar aqueles que se afastaram temporariamente do caminho. Vamos guiá-los com nosso

exemplo, amor e persuasão. Eles merecem nossa ajuda. Eles desejam nossa orientação. Eles necessitam de nosso amor. Vocês, portadores do Sacerdócio, honrem-no, beneficiem-se a si próprios, dispondo-se a ajudar alguém que tenha perdido temporariamente seu caminho. Lembrem-se daquela grande verdade em Mateus 23:37: "...quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!"

Com sua vênia, gostaria de repetir mais uma vez esta passagem, acrescentando apenas duas palavras de admoestação: "...quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste **ajudar-me!"**

Quantos de nós estarão ativamente empenhados em ajudar o Senhor a reunir seu rebanho? A que ponto estamos envolvidos nas responsabilidades do nosso Sacerdócio? Quantos de nós estão ajudando como supervisores do sumo-conselho, voluntários profissionais e auxiliares com habilidades inatas, em favor dos irmãos que precisam de nós? Ao declarar: "Se me amas, apascenta minhas ovelhas." (Ver João 21:15), o Senhor não se referiu tão somente aos que estavam seguros no aprisco. Hoje à noite, declaro a todos — ele necessita da nossa ajuda para encontrar os que estão perdidos, e trazê-los de volta.

O campo está branco, pronto para a ceifa. Os perdidos querem saber como voltar. Querem que lhes mostremos como chegar lá, partindo de onde estão. Não desistamos. Não desanimenos. Não fraquejemos.

"E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido." (Gal. 6:9)

Jesus indicou-nos o caminho, ao dizer: "Vem, segue-me." Acho significativo nosso Salvador, Jesus Cristo, ter declarado: "Quem me vê a mim, vê o Pai", em lugar de: "Quem ouviu a mim, ouviu o Pai." O exemplo testificou. A vida foi o sermão. A vida foi o caminho.

Presto meu testemunho hoje de que Deus vive, e que esta é a sua obra, e que Jesus Cristo é o nosso Salvador e Redentor. Testifico também que, fazendo a sua vontade e guardando os seus mandamentos, poderemos partilhar da grande alegria de que fala João: "Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade." (III João 4)

E digo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

•

Amor Incondicional

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

Desde o princípio, Deus sempre se interessou profundamente por seus filhos, tanto pelos que se encontram na segurança do aprisco, como pelos outros que se desgarraram e aqueles que ainda nele não entraram.

Hoje à noite, falamos primordialmente dos que estão no rebanho, ou daqueles que não se achegaram como deveriam e como gostaríamos de que ali estivessem. Volto a ler com deleite o que Alma, o profeta, escreveu a respeito de pessoas que já haviam pertencido ao rebanho e que agora se encontravam totalmente afastadas dele. Levando três dos filhos de Mosiah, dois dos seus próprios e dois conversos, foi pregar aos zoramitas, dos quais é dito que "haviam cometido graves erros pois que não observavam os mandamentos de Deus, assim como seus estatutos... Nem queriam observar os ritos da igreja e continuar orar e suplicar diariamente a Deus para não caírem em tentação. Enfim, pervertiam os caminhos do Senhor de mui-

tos modos; portanto, Alma e seus irmãos foram entre eles para pregar-lhes o Evangelho." (Alma 31:9-11)

Nessa ocasião, Alma elevou ao Senhor uma prece que está em nossos corações, ao ouvirmos esta noite as palavras destes grandes servos da juventude. "Ó Senhor, concede-nos termos êxito para trazê-los, novamente a ti em Cristo. Eis, ó Senhor, que suas almas são preciosas e muitos deles são nossos irmãos; suponho que poderíamos parenteticamente presumir que ele estava pensando que muitos deles são as esposas e filhos de nossos irmãos de agora e no futuro; dá-nos, portanto, ó Senhor, força e sabedoria para trazer esses nossos irmãos novamente a ti." (Alma 31:34-35)

Recentemente, o Irmão Joe Christensen mostrou-me um excerto da história da Igreja que gostaria de compartilhar aqui, em parte. Na **Documentary History of the Church** (Vol. 5, pp. 320-21), encontramos "Um Breve Esboço do Início da 'Sociedade de Socorro dos Rapazes e Moças' do **Times and Seasons**".[1] Como já comenta o anotador, logo observarão que tem muito mais a ver com a juventude do que com a Sociedade de Socorro, mas esse era o título.

"Em fins de janeiro de 1843, um grupo de jovens reuniu-se na casa do Élder Heber C. Kimball (quem escreve é o Profeta Joseph Smith), que os advertiu contra as diversas tentações a que a juventude está exposta, marcando um encontro expressamente para os jovens na casa do Élder Billings; e mais outra reunião foi realizada na semana seguinte, na escola do Irmão Farr, que ficou completamente lotada. O Élder Kimball falou aos jovens, exortando-os a estudarem as Escrituras, capacitando-se a 'dar uma razão para a esperança que sentem dentro de si', e estarem prontos a passar à ação, quando seus atuais mestres e líderes tiverem saído de cena; como também a se associarem a pessoas de bem e se conservarem puros e limpos das manchas do mundo."

Em seguida, o Profeta conta que a reunião seguinte foi feita em sua casa e a despeito do tempo inclemente, foi muito concorrida, a ponto de não caber mais ninguém.

"O Élder Kimball", diz ele, "fez uma palestra como de costume, advertindo os ouvintes que não cedessem às suas paixões juvenis e os exortou a serem obedientes e dar estrita atenção aos conselhos de seus pais..."

O Profeta então fala uma coisa que me tocou profundamente e que penso fará o mesmo aos que lidam com os jovens: "Postado diante deles, senti-me mais embaraçado do que estaria perante reis e nobres da terra; pois eu conhecia os crimes dos quais estes eram culpados e sabia precisamente como me dirigir a eles; mas os meus jovens amigos não haviam incorrido em culpa alguma, e por isso, mal sabia o que dizer. Aconselhei-os a que se organizassem numa sociedade para assistir os necessitados e recomendei-lhes um pobre irmão inglês, inválido... que gostaria que lhe construíssem uma casa, para ter um lar entre os santos; ele havia juntado uns poucos materiais para esse propósito, porém era incapaz de usá-los e solicitara ajuda. Sugeri que escolhessem um comitê para o levantamento de fundos para esse propósito e fizessem esse ato de caridade, tão logo o tempo permitisse. Dei-lhes tal conselho, calculando que lhes serviria de guia de conduta pela vida, preparando-os, assim, para uma eternidade de glória."

Vejam, nossos esforços de alcançar a juventude hoje em dia não são originais. São praticamente idênticos, motivados quase pelo mesmo senso de suas necessidades, e certamente pelo mesmo espírito que dirigia os de antigamente. O depoimento do Profeta tocou-me, porque tive sentimentos semelhantes diante dos jovens. Nos longos anos de magistério, costumava ponderar seu futuro enquanto os ensinava, e vivi o bastante para ver a realização das mais acalentadas esperanças, ou ao menos o início dessa realização em muitos casos, e, sinto dizê-lo, o cumprimento de algumas apreensões. Eles se constituem, de fato, numa grande e notável geração; contudo, como muitos dos irmãos, estou perfeitamente cônscio dos graves problemas que nossos jovens têm de enfrentar e que muitos deles precisam desesperadamente de ajuda.

Para alguns dos aqui presentes, seria uma experiência interessante acompanhar-nos por uns poucos dias em nossos contatos com a juventude, seja em pessoa, por telefone, correspondência ou entrevistas. Faz poucos dias, desembarquei num grande aeroporto, onde me encontrei com alguns líderes e uma linda universitária que esperava por mim. Ela havia saído de casa contra a vontade dos pais e dos outros para comparecer a certo festival de **rock**, viajando de carona. Na viagem de volta, agora pedindo carona em companhia de um rapaz, ela foi apanhada pela polícia, sendo presa, julgada e condenada a cinco anos de prisão por posse de entorpecentes. Por intervenção dos irmãos locais, mobilizados pelos apelos de u'a mãe aflita, através do bispo, ela foi posta em liberdade condicional, porém a ocorrência foi registrada e sua vida está no prato da balança. Ela terá que tomar algumas decisões.

Na minha mesa há uma carta recém-chegada, uma entre muitas, escrita por uma garota angustiada implorando ajuda. Por três vezes, ela repete as palavras: "Por favor, ajude-me." Em poucas horas, houve um chamado, e mais outro, de um moço preocupado, procurando orientação para seu amigo, que está questionando uma posição da Igreja que acha não poder aceitar, e que ele pensa vai prejudicar ou mesmo tomar sua posição insustentável na Igreja.

Tenho aqui na mão uma carta de um pai devoto e alquebrado, recebida há dois dias, cujo filho, de idade mais ou menos igual à dos outros citados, acabou com a própria vida, a despeito dos esforços de pais amorosos e de uma família unida e íntegra. Gostaria de dispor de tempo para descrever o grande empenho desses pais maravilhosos. É uma família missionária, uma família devotada, unida; no entanto, esse rapaz, convencido de sua própria indignidade, de ser um fracasso e de que os erros cometidos eram irremediáveis, suicidou-se. O pai enviou uma cópia da nota que deixou e autorizou-me a fazer uso dela e da carta, como me parecer melhor e conforme meus sentimentos sugerirem.

O que fazer? Como podemos ajudar esta excelente geração jovem a enfrentar os desafios de sua época? Estou certo de que temos que examinar detidamente não apenas suas necessidades e problemas, e o que

temos para dar-lhes, mas **como** vamos dar e o que parecemos **ser** aos olhos deles. Estive reexaminando minha própria experiência e vou mostrar-lhes rapidamente apenas um ou dois exemplos. Quero fazê-lo no espírito desta máxima que há muito tem sido minha preferida: "Não ria nem chore, nem abomine, mas compreenda."

Quais são alguns dos seus problemas? Estas observações fundamentais provêm da experiência com a mocidade e dos seus próprios lábios e vida. Poderiam ser resumidas em quatro ou cinco necessidades principais.

Primeiro, necessitam de fé. Precisam acreditar. Precisam conhecer as doutrinas, os mandamentos, os princípios do Evangelho. Necessitam crescer em entendimento e convicção. Precisam adorar e orar, porém, vivem numa época em que tudo isto é seriamente questionado, em que se incentiva tanto o ceticismo.

Segundo, precisam ser aceitos de maneira que são e sentir-se incluídos. Necessitam de uma família, a mais importante unidade social neste mundo; e mesmo tendo boa família, precisam da influência sustentadora fora do lar — dos vizinhos, amigos, bispos, irmãos, dos seres humanos.

Terceiro, necessitam estar ativamente engajados — participar, prestar serviços, dar de si.

Quarto, têm que aprender de alguma forma que são mais importantes que seus erros; saber que têm valor, que são úteis; que são amados incondicionalmente.

Ao final de uma inesquecível reunião familiar, ajoelhei-me com minha família na noite anterior ao casamento no templo de nossa adorável filha. Penso que ela não se importará se eu lhes contar que, depois de termos rido, chorado e relembrado, coube-lhe oferecer a última oração. Não me lembro muito bem do que falou — as lágrimas, a alegria e a doçura — mas de uma coisa me recordo: ela agredeceu a Deus pelo amor incondicional que tinha recebido. Esta vida não oferece muitas oportunidades de a gente sentir-se exultante e um pouco bem sucedido; mas, naquela noite, senti-me nas nuvens, e graças a Deus, ela entende e acredita no que disse. Não podemos, caros irmãos, condicionar nosso amor a uma barba ou colares ou hábitos e opiniões estranhas. Deve haver padrões e é preciso fazê-los valer, mas o amor tem que ser incondicional.

Vou ler apenas uma sentença da carta deixada pelo rapaz suicida: "Não tenho nenhuma esperança, apenas sonhos desfeitos. Nunca fui capaz de relacionar-me satisfatoriamente com outras pessoas. Temia o futuro e uma porção de outras coisas. Sentia-me inferior. Não tenho quase nenhuma força de vontade, perseverança ou senso de valor, por isso, adeus. Eu devia tê-los escutado, mas não o fiz. Comecei a tomar LSD no verão passado. É o purgatório." Que história trágica!

Precisamos compreender as necessidades deles. Eles precisam aprender o Evangelho. Necessitam ser aceitos, envolvidos, amados; e ainda, meus irmãos — minha quinta e última observação — eles necessitam do exemplo de homens de bem, bons pais, boa gente, que realmente se importam.

Semanas atrás, compareci ao funeral de um primo, e ali ouvi uma coisa que me tocou profundamente e que transmito a vocês. Talvez seja a mensagem para compartilhar com aqueles entre nós que podem fazer algo, se quisérmos, por esta nossa grande geração jovem. Um irmão que servira como seu conselheiro e agora é o bispo, disse do meu primo: "Todo rapaz tem o direito de, em seu tempo, conhecer um homem como Ivan Frame."

Que Deus nos conceda a bênção de saber amá-los, aceitá-los e dar-lhes o de que necessitam, a fim de que consigam ser o que querem, e dar aquilo que querem dar, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

1. Um periódico SUD, publicado de novembro de 1839 a fevereiro de 1846.

Responsabilidades do Sacerdócio

Presidente Harold B. Lee

Na semana passada, estivemos reunidos uma tarde e um dia inteiro com representantes regionais dos Doze, dirigindo sua atenção para o tema: "A Igreja necessita de todo membro, para que todos sejam edificados juntamente". Organizamos alguns dados estatísticos, agora reduzimos a gráficos, que serão apresentados pelos representantes regionais nas diversas reuniões regionais, a fim de inculcar nos irmãos a necessidade de se alcançarem aqueles que atualmente não são ativos na Igreja.

Usarei os dados de um dos gráficos, para ilustrar a importância do assunto de que estamos falando. Segundo os dados compilados, temos 353.000 portadores do Sacerdócio de Melquisedeque na Igreja, a maioria dos quais são pais de família; somente 187.000 deles são ativos, tomando-se como critério básico a frequência de uma reunião sacramental e uma reunião do Sacerdócio por mês. Ou, em outras palavras, eles seriam considerados ativos, se preenchessem esse mínimo. Dos 184.000 membros masculinos acima de 21 anos, portadores do Sacerdócio Aarônico, a maioria também pais de família, apenas 17.000 são ativos, notem bem. Há ainda 48.000 membros masculinos adultos sem Sacerdócio e 117.480 maridos não-membros, tratando-se na maioria igualmente de pais. Assim pois, de aproximadamente 700.000 adultos masculinos, muitos dos quais são pais, quase 500.000 são inativos pelo critério adotado, se incluirmos os membros masculinos não-ordenados e maridos não-membros no cômputo para esse nosso desafio.

Bem, irmãos, estamos partindo agora para um esforço decidido, a fim de induzir esses irmãos a voltarem à atividade — atividade de alguma espécie. Anos atrás, um presi-

dente de missão lá nos estados do leste estava reunido com um grupo de missionários num recinto, cujo teto era sustentado por uma fileira de pilares. Então ordenou a um deles: "Levante-se e derrube aquele pilar."

"Ora", respondeu o missionário, "eu não posso."

"Por quê?"

"Porque todo o peso do teto está apoiado nele."

Então o presidente perguntou: "Suponhamos que esse peso fosse tirado. Você conseguiria derrubá-lo?"

"Acho que sim."

O presidente então prosseguiu:

"Pois bem, irmãos, todos nós somos exatamente iguais a um daqueles pilares. Enquanto tivermos sobre nós um peso de responsabilidade na Igreja, nem o inferno inteiro poderá derrubar-nos; mas, tão logo esse peso é tirado, a maioria de nós torna-se presa fácil das forças que nos querem arrastar para baixo."

Agora queremos colocar um peso de responsabilidade sobre todo portador do Sacerdócio e todo pai de família. É preciso não esquecer que, se multiplicarmos os chamados inativos pelo número de membro de uma família de tamanho médio, teremos centenas de milhares de membros desta igreja que não serão selados no templo e, por conseguinte, não desfrutarão de relacionamento familiar no mundo vindouro, caso não tomarmos alguma providência.

Lembrem-se de que a atividade é a alma da espiritualidade.

Propomos que introduzam o programa a seguir: os bispos instruirão os mestres familiares e líderes de quorum a lhes apresentarem os nomes de membros inativos, juntamente com sugestões sobre como abordar e envolver essas pessoas. Desejamos que os bispos, por sua vez, submetam tais nomes, da mesma forma, ao respectivo presidente de estaca, a fim de assegurar a continuidade de empenho e avaliação durante o período de tempo em que nos concentraremos nos indivíduos, em lugar de cifras, iremos testar nosso amor e criatividade em termos de como alcançar e ajudar eficazmente esses nossos irmãos, provendo-lhes oportunidades de servir seus semelhantes.

Os irmãos que falaram hoje à noite tinham por objetivo dirigir a atenção de vocês para essa questão vital. Todos eles abordaram diversos pontos de preocupação. Temos muita gente na Igreja, das mais diversas profissões, que tem indagado: "Por que, em lugar de sermos chamados para uma missão de proselitismo, não podemos fazer missão, trabalhando onde haja necessidade

de nossos talentos, nossos conhecimentos profissionais, em prol da obra do Senhor?"

Eis um programa do qual ainda ouviremos falar mais, e um chamado a médicos, enfermeiras, agrônomos e outros, dispostos a sair por conta própria em missão regular, como os missionários de proselitismo, para, durante certo tempo, ajudar a elevar as condições de vida da nossa gente, onde houver necessidade. Com isto, prevemos um grande impulso e surto de energia fornecidos por muitos desses que desejam uma oportunidade de servir dentro de seu campo de conhecimentos profissionais; e uma forma de motivar todos aqueles que, de certa maneira, são menos ativos do que deveriam, dando-lhes uma tarefa a fazer. Usem sua imaginação, líderes, para que a todos seja dada certa responsabilidade, fazendo com que se sintam necessários na Igreja em determinado serviço.

Lembro-me de uma experiência do falecido Adam S. Bennion[1], na Penitenciária Estadual de Utah, que já devo ter contado antes e vou repetir hoje. Mostrando-se mais audacioso do que alguns de nós quando estivemos ali, ele, em conversa com os detentos, perguntou-lhes: "Rapazes, gostaria de saber o que foi que aconteceu na vida de vocês que os levou a cometerem os erros pelos quais estão aqui." Depois de quebrar o gelo, como se diz, os detentos deram-lhe uma só resposta: "Estamos nesta penitenciária, porque houve um tempo em nossa vida no qual sentimos que ninguém ligava para nós."

Vocês e eu estamos sentados aqui, hoje a noite, achando-nos relativamente seguros, mas que o Senhor ajude aquele que porventura venha a sentir no seu íntimo que ninguém se importa com o que possa acontecer-lhe. Seja um pai, mãe ou criança, ou algum inativo que se sinta ignorado — essa pessoa está em grande perigo, e queremos que vocês procurem todos os que estão nessas condições e os induzam a certa medida de atividade, tão logo tenham organizado suas forças para fazê-lo.

Anos atrás, estive presente a uma reunião de casais, em Provo, na qual uma encantadora irmã prestou seu testemunho da alegria existente em seu lar, desde que o marido se tornou ativo na Igreja. Ela contou como passaram juntos pelo templo. Falou de como havia sido quando ele era inativo, como fumava e não avançava no Sacerdócio, e como alguém se interessara por ele e, finalmente, ajudara-o a qualificar-se para o recebimento do Sacerdócio; e como o bispo, afinal, deu a recomendação para irem ao templo. Depois de descrever aquela noite inesquecível, ela disse: "Então cinco garotinhas entraram para ser seladas a seus pais. E aquele homem de Deus declarou-nos uma família para as eternidades." Ao finalizar essa história e prestar seu testemunho, olhou por sobre o púlpito, para onde estava sentado o marido. Pareceu esquecer-se por um momento de que não estavam sós, e disse-lhe: "Querido, não sei como descrever-te quão contentes tuas garotas estão agora e quão gratas somos pelo que fizeste por nós, porque, querido, se não tivesses o Sacerdócio, as crianças e eu não poderíamos estar juntas como família no mundo vindouro. Graças a Deus por nosso paizinho que possui as chaves que abrem a porta para o nosso lar eterno."

Gostaria de que todo pai indiferente na Igreja pudesse ter ouvido o testemunho daquela moça.

Suplicamos a vocês, portadores do Sacerdócio, despertem esses pais agora, enquanto é dia e enquanto há tempo, para que recebam suas bênçãos, antes que cheguem as trevas. Que o Senhor nos ajude a fazê-lo agora e a captar a visão e a mensagem que o Presidente Tanner e os outros oradores procuraram transmitir-lhes hoje, à noite um vislumbre do que poderemos conseguir, apenas exercendo a Sacerdócio, que é o poder de Deus pelo qual ele trabalha para a salvação de seus filhos, por intermédio dos homens. Que o Senhor possa ajudar-nos a assim fazer, a captar essa visão e realizar os propósitos do que tentamos alcançar nos anos vindouros, eu oro humildemente em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

---

1. Adam Samuel Bennion — (1886-1958). Ordenado ao apostolado, em 9 de abril de 1953.

Uma Entrevista com o Conhec

Sem dúvida, são pouquíssimas as pessoas que ainda não ouviram falar do legendário explorador norueguês Thor Heyerdahl, merecidamente famoso por suas aventuras com o **Kon Tiki, Aku-Aku,** e mais recentemente, com **Ra I** e **Ra II.** Visando familiarizar os santos dos últimos dias com os que estão fazendo contribuições significativas para nossa era, conseguimos uma entrevista com o Dr. Heyerdahl e um grupo de jovens SUD.

P. — Como o senhor veio a interessar-se pelas coisas que o tornaram famoso?

Dr. Heyerdahl — Meu interesse pelos oceanos originou-se de experiências durante minha estada, em 1937, numa ilhota das Marquesas, no Oceano Pacífico. Talvez seja interessante explicar que, quando fui ao Pacífico pela primeira vez, eu era um homem com medo da água, que não sabia nadar e não conhecia coisa alguma a respeito de barcos e navegação. Naquele tempo, estudava zoologia na Universidade de Oslo, Noruega, além de geografia e antropologia como matérias suplementares. A ida, com minha jovem esposa, para aquelas paragens, tinha como principal motivo uma pesquisa zoológica sobre como a fauna terrestre poderia ter alcançado uma ilha que não se originara por desligamento de um continente, por rutura ou coisa parecida — pois é de origem vulcânica.

Bem, viver um ano inteiro como únicos brancos entre polinésios, levou-nos a um íntimo contato com a natureza. Para arranjar comida, tínhamos que apanhar alimentos na selva ou ir pescar de canoa no mar. E quando se anda pelo mar, impelindo a canoa com remos de cabo curto, adquire-se uma idéia totalmente diferente, creiam-me, do oceano, do que aquela que se tem através de estudos teóricos. Durante aquele ano, descobri que o tempo todo, dia e noite, o vento e as correntes vinham da América do Sul. Para pescar, era muito importante saber disso. Se nos afastássemos demasiadamente da costa do lado asiático, não seríamos mais capazes de voltar e atracar de novo. Por outro lado, saindo da banda voltada para a América, éramos impelidos de volta, mesmo remando a toda.

Tudo isso me levou a pensar. A idéia então geralmente aceita pelos cientistas era que as ilhas polinésias haviam sido povoadas por asiáticos vindos por mar, remando — 16.000 quilômetros. Comecei a imaginar como teriam conseguido chegar em embarcações a remo desde a Ásia, se nós não podíamos arriscar-nos a sair dois ou três quilômetros mar a dentro, sem ser impelidos pelo vento em direção à mesma Ásia. Não seria mais lógico que aqueles povos, à semelhança da fauna, tivessem seguido as leis da natureza, as correntes e o vento, vindos do lado americano?

Ora, essa teoria apresentava um grande problema. Fortemente influenciado por meus professores, eu também me convencera de que os polinésios eram originários da Ásia. Há certas semelhanças entre os idiomas malaios e os de certos polinésios — além de existir indubitável influência asiática na Polinésia. A idéia da influência americana parecia inaceitável até para mim. Por isso, desenvolvi a teoria de que talvez os asiáticos tivessem vagado ao sabor do vento e correntes, a partir das Filipinas, ao longo do Japão até a costa noroeste da América, onde o vento e as correntes se des-

do Explorador Thor Heyerdahl

viam para o Havaí. Mas, ainda assim não me satisfazia. Havia indícios demais ligando a Polinésia às grandes civilizações andinas — a estatuária gigante e escrita hieroglífica das placas da Ilha de Páscoa, pirâmides, mumificação, trepanação com trefina; tudo isto e muito mais coisas ligavam a Polinésia à América do Sul, e não à Ásia. Bem, apresentei a teoria de que o homem havia chegado à Polinésia de duas maneiras diversas — do Peru, por meio de jangadas, e usando canoas de casco duplo vindo da Ásia, via noroeste da América.

P. — Como foi recebida esta sua teoria?

Dr. Heyerdahl — Com muita polêmica e terríveis debates! Os cientistas argumentavam que seria impossível vir da América de jangada. Ora, eu havia compilado um grosso volume de evidências, mas cientista algum se dispunha a lê-lo, porque, diziam eles, as melhores embarcações usadas pelos índios sul-americanos eram as jangadas de balsa e os barcos de junco, e tanto um como outro ficariam encharcados e afundariam em duas semanas. Pois bem, naquele tempo, até eu considerava os barcos de junco totalmente fora de cogitação, mas achava que uma jangada de troncos teria resistência suficiente. Felizmente, eu nada sabia de navegação — do contrário, jamais teria ido em frente. Porém, acreditava o bastante em minha teoria para pô-la à prova. Os entendidos continuavam avisando que uma jangada de balsa afundaria em duas semanas. Eles haviam experimentado colocar um pedaço de balsa seca num tanque de água, e ela absorveu água e foi ao fundo em quinze dias. Mas, fazendo como os índios que usam troncos verdes recém-cortados, a própria seiva evita a impregnação. Assim, logo após o término da II Guerra Mundial, juntamente com mais quatro noruegueses e um sueco, construí a jangada a que demos o nome de **Kon-Tiki,** segundo o legendário deus do Sol peruano. Partimos do Peru, e 101 dias mais tarde, chegamos à Polinésia. E a jangada não só ficou flutuando junto à costa da Polinésia durante diversos meses depois de lá chegarmos, como ainda seis meses no **fjord** de Oslo para onde a levamos, antes de ser removida para um museu.

P. — A expedição Kon-Tiki conseguiu mudar a opinião dos cientistas?

Dr. Heyerdhal — Bem, foi aí que começou a verdadeira "tempestade". Todo mundo achava que fora apenas o fato de eu ser excelente marinheiro, e que a jangada nunca teria vencido a prova sem a minha perícia náutica, o que para mim era absolutamente cômico. Na verdade, tanto a do **Kon-Tiki** como as expedições do **Ra** foram empreendidas por marinheiros de água doce. Tudo o que tínhamos a fazer era deixarmo-nos apanhar pela corrente, e inevitavelmente, chegaríamos ao destino previsto. Tive que lutar, defender minhas idéias em país após país — Estados Unidos, União Soviética, Alemanha, Inglaterra e nos países escandinavos, minha própria terra. Essa levou anos, pois a maioria dos entendidos relutava em pôr de lado o conceito de que a América era uma espécie de apêndice do resto do mundo, isolada pelo mar, que poderia ser atingida somente por terra — jamais por mar. Fui convidado a fazer palestras em academias de ciências e universidades, em todos os cantos do mundo; e, para fundamentar minha teoria de possibilidades navegatórias, dirigi expedições arqueológicas primeiro nas Ilhas Galápagos, ao largo da América do Sul, e depois na Ilha de Páscoa, mais ao sul. Descobrimos evidências arqueológicas e botânicas de que americanos primitivos haviam chegado àquelas ilhas. Minha teoria foi-se impondo paulatinamente, até que, em 1961, numa conferência científica em Honolulu, cerca de 3.000 cientistas chegaram à resolução unânime de que tanto a América do Sul quanto o Sudeste Asiático haviam sido as origens principais da população e cultura das ilhas do Pacífico.

P. — Por que o Senhor empreendeu as duas expedições Ra? Existe alguma relação entre elas e a do Kon-Tiki?

Dr. Heyerdahl — Sim, há relação. Entretanto, na do **Kon-Tiki,** eu tencionava comprovar uma teoria. Nas outras, eu não tinha teoria alguma; queria somente descobrir se tal viagem seria exeqüível. Vejam, havia um ponto que não me satisfazia totalmente; é que, na Polinésia, havia muitos indícios vinculatórios que sugeriam ligação com o lado oposto do mundo — Ásia Menor e Egito. **Ra,** por exemplo, nome do sol na Polinésia, era também o nome do sol e respectivo deus no antigo Egito. E as características da construção das pirâmides, culto solar, mumificação, construção de estradas e outros elementos encontrados na América do Sul e Central, aparecem também no outro lado do Atlântico. Mas isto não me preocupava diretamente, até mais ou menos cinco anos atrás, quando se realizou na Argentina um congresso científico sobre indígenas americanos. Fui encarregado de organizar um simpósio a favor e contra a possibilidade de contatos pré-colombianos de povos do outro lado do Atlântico com a América. Foram levantados muitos argumen-

A. "Com o barco desarvorado, o alpinista Carlo Mauri auxilia o engenheiro civil norte-americana Norman Baker a lançar uma âncora flutuante, quando ambos os remos de leme se partem — mais uma vez." B. — "Estudamos numerosos murais e relevos de tumbas durante o planejamento e construção do **Ra I.**" C. — "As bolachas de bordo foram preparadas seguindo antiga receita egípcia encontrada no Museu do Cairo." D. — "**Ra I** se desmantela e afunda, a somente 960 Km de seu destino." E. — "Examinando os mais antigos modelos de barcos de junco encontrados em tumbas egípcias." E. — "Diariamente, observamos a chocante poluição dos oceanos. Porções de petróleo solidificado — viajando com sua tripulação de cracas — aparecem freqüentemente." G. — "Na cabina minúscula e atravancada, Norman opera o transmissor, mantendo contato com rádio-amadores." H — "Revivendo um antigo costume de seus antepassados, nosso companheiro egípcio, George Sourial, usa um salva-vidas de papiro em torno dos ombros."

tos mostrando o porquê da inviabilidade de tais contatos. Bem, uma dessas razões dizia respeito aos barcos de junco. Adiantou-se que os índios americanos, na época do descobrimento, e até recentemente no Lago Titicaca, construíam grandes embarcações de junco idênticas às usadas no Nilo pelos antigos egípcios. Mas, diziam os entendidos, dada a impossibilidade de navegar do Egito até o Peru, isto apenas provava uma invenção independente de dois povos diferentes. Além do mais, acrescentaram, um barco de junco jamais aguentaria uma viagem dessas. Afirmavam não durar nem duas semanas. Bem, era exatamente a mesma história de antes — igualzinha ao caso da jangada de balsa. Eu estava convencido de que a ciência estava enganada acerca dos barcos de junco.

P. — Por quê? O que o senhor sabia a respeito de barcos de junco?

Dr. Heyerdahl — Naquele tempo, eu sabia que a alegação dos cientistas de que houvera barcos de junco apenas no Egito e Peru não era cabível. Havia descoberto que eram usados no México inteiro, na época do descobrimento, e também em áreas esparsas do Mediterrâneo, da Mesopotâmia, Egito, ilhas da Grécia e Sardenha, até a costa atlântica do Marrocos. Ali estava o percurso, em etapas relativamente curtas, a mais longa sendo do Marrocos à América Central. Assim sendo, se um barco de junco conseguisse cruzar um oceano, então havia razão para crer que esses paralelos dos barcos de junco e outros paralelos culturais entre povos das Américas e do Mediterrâneo não se deviam à evolução independente, mas tinham outras origens. Mesmo nas explorações no Lago da Cratera, na Ilha de Páscoa, a 3.200 km do Peru, descobrimos que os ilhéus trouxeram mudas de junco dos alagados peruanos e as plantaram ali em água doce, por volta da época de Cristo, para que pudessem construir barcos idênticos aos do Lago Titicaca. Isto foi um forte argumento em favor da navegabilidade do barco de junco.

Além disso, minhas pesquisas provaram-me que estamos muito enganados, se nos julgarmos muito mais inteligentes do que os homens do auge das antigas culturas da Mesopotâmia e Egito. Eu estava convencido de que o barco de junco funciona; do contrário, aqueles povos não o teriam construído e tampouco continuado a construí-lo durante séculos e séculos, mesmo milênios. Mas outra vez os cientistas alegavam que tal barco era loucura. Até mesmo o Instituto do Papiro do Cairo insistia em que haviam testado papiro em tanques d'água e que ficava totalmente encharcado em menos de duas semanas. Haviam-no testado também em água do mar, e o papiro se deteriorara e dissolvera. Mas eu sabia, pela minha experiência com o **Kon-Tiki,** que há uma diferença enorme entre o material e a embarcação pronta. Exatamente como com o ferro — colocando-se um pedaço na água, ele vai ao fundo; no entanto, construímos navios enormes de ferro, e eles flutuam.

P. — Como sabia de que maneira construir o barco de junco?

Dr. Heyerdahl — Bem, estudei detidamente murais e antigos desenhos em tumbas egípcias. Decidi, exatamente como na experiência com os índios peruanos, que seria melhor recorrer à gente que ainda os construía. Uma vez que pretendia partir da costa marroquina, decidi pedir ajuda aos africanos — a gente das tribos do Lago Tchad, que continua usando barcos de junco até hoje. Esses homens e eu próprio construímos o **Ra I.** Entretanto, conforme descobri, aquelas tribos usavam método de construção diferente do empregado pelos antigos egípcios. Estes os faziam com proa e popa recurvadas para o alto — e perfeitamente alinhados para navegação marítima. No Lago Tchad, não há quase ondas, e os barcos de lá são mais em forma de colmilho de elefante.

P. — Por que o Ra I fracassou? O que essa viagem lhe ensinou sobre barcos de junco?

Dr. Heyerdahl — Bem, digamos que, ao construir o **Ra I,** fizemos o que todo navegador faria. Usamos os conselhos e orientação dos nossos artesãos do Lago Tchad, mas cometemos todos os erros possíveis. Mas, a despeito desses erros e asneiras, continuamos flutuando em direção à América — de fato, não havia nada que o impedisse. Havíamos embarcado e acabaríamos chegando ao ponto previsto por mim. Mas, quando estávamos a 960 km de Barbados, as ondas haviam empurrado nossa pequena cabina tantas vezes de lá para cá, que as cordas de um lado acabaram rompendo, e começamos a perder pedaços de papiro. Éramos obrigados a mergulhar por baixo, procurando mantê-lo inteiro com novas cordas. Isto funcionou bem, até chegarmos perto do mar das Caraíbas, onde arranjamos uma escolta de uns trinta tubarões. Quando meu amigo egípcio quase ficou sem a perna, tive que proibir os mergulhos e fomos obrigados a ver nosso barco desfazendo-se gradativamente, deixando um rastro flutuante de papiro atrás de nós — papiro flutuando depois de dois meses no mar! Foi duro para mim. Todo o meu pesoal queria continuar, e eu sabia que conseguiríamos chegar, pois ainda restava o suficiente do barco; mas eu sabia também que havia grande probabilidade de perder um ou dois homens. Achei que não valia a pena arriscar vidas humanas por uma experiência científica. Foi uma sensação horrível ver todos os companheiros querendo

prosseguir a ter que dizer não e desistir. Mas paramos ali.

P. — Quando o senhor decidiu a expedição do Ra II? Já durante a viagem do Ra I?

Dr. Heyerdahl — Não, porque do ponto de vista científico, o **Ra I** provou muito mais do que o **Ra II** — muito mais. A expedição do **Ra I** começou como viagem totalmente ao sabor da corrente — partimos os dois remos-leme logo no primeiro dia fora do porto — e ainda assim, acabamos no destino previsto. Ali estávamos nós — marinheiros de água doce, com um único homem com conhecimento de navegação a bordo; um dos tripulantes nem sequer sabia que a água do mar era salgada, até tomar o primeiro gole. E mesmo assim, acabamos chegando ao ponto esperado.

Provamos, também, que um barco de papiro não submerge em duas semanas — ficamos cinqüenta e cinco dias no mar. E tínhamos cometido todos os erros imagináveis. Sei que, se tivéramos o conhecimento dos antigos navegadores, a viagem teria sido muito mais fácil. E a distância percorrida pelo **Ra I** somava quase o dobro da distância mais curta entre as duas costas do Atlântico. Por isso, no fim do **Ra I**, não pretendia empreender uma segunda expedição.

P. — Qual foi a reação dos cientistas à façanha do Ra I?

Dr. Heyerdahl — Bem, foi justamente isso que me levou ao **Ra II.** Descobri que realmente ainda restavam certas pessoas, os isolacionistas extremos, que continuavam dizendo que era imposível — apegando-se àquelas últimas centenas de metros. Afirmavam que justamente estes eram os mais importantes — até chegar efetivamente ao outro lado, ninguém provou na verdade que é possível. Além disso, minha própria curiosidade acerca dos barcos de junco continuava a crescer. Prosseguindo na pesquisa, descobri que os índios Aimarás, do Lago Titicaca, na Bolívia, construíam barcos muito parecidos com os dos antigos egípcios — muito mais do que os da África Central. Achei que valia a pena uma segunda experiência, devido à maneira de construírem a popa; eles também fazem os maços de papiro de modo totalmente diferente. Por isso, levei quatro índios Aimarás para o Marrocos, a fim de construírem o **Ra II.** Fizemos uma embarcação de aproximadamente 12 m de comprimento, 3 m menos que o **Ra I,** e de linhas diferentes. Partimos a 17 de maio de 1970 e, após "7 dias em que percorremos 5.230 km, aportamos em Bridgetown, nas Ilhas Barbados. O **Ra I** iniciou sua viagem a 25 de maio de 1969 e foi abandonado no dia 18 de julho, a mais ou menos 960 km de Barbados.

P. — Como o senhor escolheu a tripulação para as duas viagens?

Dr. Heyerdahl — Minha idéia foi reunir homens de diversas nacionalidades, para provar que, a despeito de diferenças de idioma, política, religião ou cultura, podíamos trabalhar juntos. Assim, para o **Ra I,** escolhi sete homens entre meus amigos ou indicados por eles, de varias nações. No **Ra II,** tínhamos oito pessoas, e com exceção de dois, o mesmo grupo da viagem do **Ra I.** Eu vinha da Noruega; nosso único "marinheiro" era um engenheiro civil norte-americano que eu conhecera há anos em Taiti; nosso antropólogo era mexicano; tínhamos um alpinista italiano e nosso médico era russo; e mais o mergulhador egípcio. No **Ra I,** acompanhou-nos o perito em papiro do Lago Tchad. No **Ra II,** ele foi substituído por um negociante marroquino, e acrescentamos um fotógrafo japonês. Para minha tripulação, escolhi, deliberadamente, homens representativos dos conflitos da humanidade — branco e negro, judeu e muçulmano, russo e americano.

P. — O senhor ficou satisfeito com a experiência?

Dr. Heyerdahl — Demais. Foi talvez a parte mais satisfatória da viagem. Tivemos algumas rusgas e problemas — especialmente devido ao idioma. Durante uma tempestade, não se conseguia ouvir de um ao outro lado do barco. Usávamos inglês, francês e italiano, até que criamos nosso próprio esperanto. Mas os problemas foram mínimos, realmente. A gente desenvolve uma cooperação instintiva. Acho que teria tido mais problemas com oito noruegueses do que com o grupo misto. Aprendemos que não existe lugar tão pequeno, nem tensão tão grande, desde que os homens se aliem para a sobrevivência comum. Foi uma experiência emocionante. Terminamos as viagens como amigos íntimos.

P. — Somos todos estudiosos do Livro de Mórmon e gostaríamos de conhecer suas opiniões sobre as comparações entre o velho e o novo mundo.

Dr. Heyerdahl — Bem, não sou mórmon e minhas conclusões não são devidas a nenhuma crença religiosa. Vejo que chegamos às nossas conclusões por caminhos totalmente diversos. O que posso dizer é que, quanto mais pesquiso, tanto mais me convenço das relações entre os povos do novo e do velho mundo, que parecem coincidir, pelo que entendi, com a conclusão a que chegaram por outros meios. Pelos meus estudos, sinto-me cada vez mais convicto de que existe alguma espécie de ligação entre as áreas do Mediterrâneo e as do Golfo do México.

---

1. Árvore da região tropical da América do Sul, cuja madeira, por sua resistência e leveza, é largamente utilizada na indústria naval e aeronáutica.

Um Teste Sobre

Repetição nas Escrituras

John A. Tvedtnes

Muitos entendidos afirmam que a história sempre se repete. É uma idéia interessante por muitas razões, ainda mais quando nos damos conta de que, nas Escrituras, há muitos exemplos de circunstâncias idênticas ou semelhantes ocorridas duas ou mais vezes.

Veja se consegue lembrar-se de dois ou mais casos, registrados nas obras-padrão, para cada uma das ocorrências enumeradas.

Conhecendo um exemplo para cada item, você costuma ler um pouco — ou então lembra-se muito bem das aulas da Escola Dominical.

Não conseguindo mais de cinco no total — já pensou alguma vez em ler diariamente um trechinho das Escrituras?

Se responder a todos os itens com dois ou mais exemplos — parabéns!

I. Uma pequena porção de alimento transforma-se em grande quantidade.

1. ..... 2. ..... 3. .....

II. As águas são separadas para dar passagem ao povo.

1. ..... 2. ..... 3. .....

III. Um rapaz já morto retorna à vida.

1. ..... 2. ..... 3. .....

IV. Um homem, para salvar a vida, diz que a esposa é sua irmã.

1. ..... 2. ..... 3. .....

V. A terra é coberta por três dias de treva total.

1. ..... 2. ..... 3. .....

VI. Uma coluna de luz aparece a um profeta.

1. ..... 2. ..... 3. .....

VII. Elias e Moisés voltam para conferir suas chaves.

1. ..... 2. ..... 3. .....

VIII. Travessia de um oceano para alcançar a terra prometida.

1. ..... 2. ..... 3. .....

IX. Forasteiros chegam ao Egito, fugindo da fome.

1. ..... 2. ..... 3. .....

X. Um israelita chamado para interpretar o sonho do rei torna-se conselheiro de um governo estrangeiro.

1. ..... 2. ..... 3. .....

XI. Uma visão e paralisia causam a conversão de um descrente.

1. ..... 2. ..... 3. .....

Respostas para o Teste de Repetições nas Escrituras: É possível que existam outros eventos escriturísticos com certa semelhança aos aqui enumerados.

I. Elias multiplica o óleo e farinha da viúva de Sarepta. (I Reis 17:10-16). Seu sucessor, Eliseu, multiplica pão e espigas para alimentar cem homens, (II Reis 4:42-44), praticamente da mesma forma como Jesus multiplicou peixe e pão para dar de comer a cinco mil. (Mateus 14:13-21; Marcos 6:30-44; Lucas 9:10-17; João 6:1-14).

II. Isto aconteceu duas vezes na jornada dos israelitas a Canaã: no Mar Vermelho (Êxodo 14:21-30) e no Jordão (Josué, 3, 4).

III. Elias fez este milagre (I Reis 17:17-24) como também seu sucessor Eliseu. (II Reis 4:18-37).

IV. Abraão por duas vezes salva sua vida com esse recurso. (Gên. 12:10-20; 20:1-18) E seu filho Isaque seguiu o exemplo. (Gên. 26:1-11)

V. Uma das pragas do Egito, na época do (Êxodo 10:21-23). Houve também três dias de trevas no Novo Mundo, por ocasião da morte de Cristo (III Néfi 8:1-10:9). As trevas no Velho Mundo, na mesma ocasião, duraram apenas três horas. (Mateus 27:45; Lucas 23:44-45).

VI. A coluna de fogo que aparece a Moisés diversas vezes (Núm. 9:15-17; Êxodo 33:7-11 etc.) é o primeiro exemplo nas Escrituras. Outras aparições de uma coluna de luz ou fogo foram a Lehi (I Néfi 1:6) e a Joseph Smith (Joseph Smith 2:16-17, 30, 43).

VII. Isto aconteceu uma vez a Pedro, Tiago e João, no Monte da Transfiguração (Mateus 17:1-4), e uma vez a Joseph Smith e Oliver Cowdery, no Templo de Kirtland (D&C 110:11, 13-16).

VIII. Noé vai do Novo para o Velho Mundo (Gên. 7,8), enquanto Jared (Éter 6), Mulque (Omni 14, 16; Mosiah 25:2) e Lehi (I Néfi 17, 18) atravessam-no em sentido contrário.

IX. Tanto Abraão (Gên. 12:9-10) como seu neto Jacó (Gên. 42-43) foram forçados a fugir para o Egito, em virtude da fome.

X. Isto aconteceu a José (Gên. 41) e a Daniel (Daniel 2-4).

XI. Isto aconteceu a Alma, o filho, (Mosiah 27:10-32) e também ao Rei Lamoni e sua rainha (Alma 19:1-29; 36:6-10), bem como ao pai de Lamoni e seus servos (Alma 22:17-26).

Consulte as referências indicadas, para maiores detalhes.

As respostas visam esclarecer e dar perspectiva; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja.

"As moças devem fazer missão?"

Isto envolve duas questões: A missão faria bem à moça, e a moça seria boa para a missão?

Para a primeira pergunta, a resposta é praticamente sempre afirmativa. Quase que toda moça que tenha atitude positiva e desejo de servir será grandemente beneficiada por uma missão. Isto fortalecerá seu testemunho, firmará seu rumo na vida, desenvolverá espírito de tolerância e amor, e ela ganhará auto-confiança e atitude positiva, crescerá no seu apreço pelo lar, pais e família e verá com maior clareza a importância de escolher um marido que não só a leve ao templo, como também ao reino celestial. Sentirá a alegria e satisfação nascidas do serviço abnegado que se presta a outros em regime de tempo integral.

A moça convém à missão?

Este ponto não pode ser respondido de maneira genérica, é uma questão individual. A missionária típica de hoje é uma garota jovem (geralmente acabou de completar vinte e um anos), cheia de vitalidade e entusiasmo, que, tradicionalmente, participará do dobro de conversões do élder médio. Geralmente está no campo missionário por desejar servir, sem influência alguma de pressões sociais.

A moça que segue para o campo missionário, visando encontrar solução para seus problemas pessoais, provavelmente sentir-se-á muito deslocada. O severo esquema de trabalho deixa pouquíssimo tempo ou lugar para comportamento excêntrico ou solução de problemas pessoais.

Nesse assunto de missão feminina, consultei minha junta consultora — três dos meus filhos: Leola (filha adotiva), que serviu na Missão Carolina do Norte-Virgínia; Roger, que terminou, este ano, seu trabalho na Missão Washington; e Greg, servindo atualmente na Missão Califórnia Central. Eis seus comentários:

Leola: "Certas pessoas mostram-se mais acessíveis e receptíveis a missionárias. Isto nos aconteceu principalmente em áreas militares, quando o marido está longe e a mulher em geral não deseja receber homens em sua casa."

Roger: "As missionárias que serviam em nossa missão eram trabalhadoras, conscienciosas e estavam sempre bem dispostas."

Greg: "Não tenho muito tempo para escrever. Tenho que sair correndo. Estou exausto! Por quê? Porque hoje trabalhamos com as missionárias e elas nos deixaram arrasados. As irmãs, indubitavelmente 'animam' a vizinhança."

Greg sugeriu que se leia a seção 4, de Doutrina e Convênios, ao tomar uma decisão sobre o serviço missionário: "Portanto, se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho."

Notem os dois requesitos: **desejo** e **compromisso.** O desejo de servir a Deus é que deve motivar uma irmã (ou élder) a aceitar o chamado. Sendo suficientemente forte o desejo de servir, o missionário compreenderá que é um compromisso incondicional prestá-lo "de todo o coração, poder, mente e força." (D&C 4:2) De pouco vale engajar o seu físico, sem que o coração o acompanhe. É o comprometimento total que faz do serviço missionário uma experiência feliz, produtiva. Sem ele, torna-se um tempo moroso e miserável.

As recompensas? "...aquele que lança a foice com toda sua força, põe em reserva para que não pereça e traz salvação à sua alma." (D&C 4:4) "...grande será a vossa alegria com ela (a alma do converso que você ajudou a influenciar) no reino de meu Pai!" (D&C 18:15)

Arthur S. Anderson
Membro do Comité de Aperfeiçoamento Didático.

2

"Como posso saber quando encontrei a pessoa certa para casar? Em quantos pontos devo transigir? Meu namorado (um membro ativo) e eu temos condições de ser felizes, mas discutimos um bocado."

Estas e outras perguntas similares são feitas em muitas sociedades ocidentais contemporâneas, nas quais existe o sistema de livre escolha do parceiro conjugal, isto é, a pessoa que vai casar é a principal responsável pela escolha do cônjuge. Em determinadas sociedades, nunca houve necessidade de fazerem-se tais perguntas, visto caber aos pais a responsabilidade de encontrar um pretendente para a filha. Na nossa é diferente. A moça tem de tomar a decisão.

Afirmam alguns que "o coração" informará à moça quando surge a pessoa certa. Outros dizem que, se ela for esperta, "não deixará seu coração falar mais alto que a cabeça". O dilema básico enfrentado por muita gente na escolha do cônjuge reflete-se nos conselhos conflitantes dessas duas máximas da sabedoria popular; quer dizer, até que ponto confiar nos sentimentos e emoções, e quanto na análise racional e no juízo. As sociedades ocidentais salientam a importância do lado emocional (seu **coração lhe dirá** quando estiver realmente enamorado), enquanto o costume de os pais escolherem o futuro cônjuge da filha, acentua os aspectos racionais, analíticos (vem de boa família, é inteligente e trabalhador).

No processo de seleção do companheiro conjugal, os santos dos últimos dias deveriam atentar para ambos os aspectos, tentando determinar se a decisão não se baseia unicamente em sentimentos e emoções. Se ele ou ela não conseguirem analisar fria e racionalmente as fraquesas e qualidades do outro, então talvez o lado emocional esteja dominando as relações, em detrimento da razão e objetividade. É possível a razão dominar no processo seletivo do companheiro conjugal, porém acontece raramente na nossa sociedade.

Dizer apenas que na escolha do companheiro conjugal, é muito importante tanto o raciocínio como os sentimentos, não responde ao que é preciso considerar seriamente. Neste aspecto, a melhor resposta, tanto das Escrituras quanto dos sociólogos, parece ser: "Considere cuidadosamente o que os dois têm em comum." Uma das maneiras de se ganhar perspectiva seria "subir" na árvore genealógica, para uma olhadela em torno. Os estudos indicam que as pessoas casadas dentro de seu próprio grupo (religioso, étnico, nível sócio-econômico) parecem entender-se melhor. Seus valores são condizentes? Vocês são amigos? Apreciam as mesmas pessoas e gostam de idêntico tipo de atividades? Concordam nas questões concernentes aos filhos? Talvez você não possa responder **sim** a todas estas perguntas, mas, pelo menos, saberá onde encontrou um **não.** Isto obriga-la-á a considerar os eventuais riscos, caso vocês se casem.

Nesta altura, você talvez esteja indagando: "Para que toda essa ênfase numa minuciosa consideração racional?" Não seria valorizar demasiadamente a capacidade racional do homem, em detrimento da influência de Deus na vida humana? Por que não posso simplesmente perguntar a Deus e então saber se meu noivo é a pessoa certa?"

As Escrituras dizem-nos que devemos estar zelosamente ocupados numa boa causa e fazer muita coisa por nossa própria e livre vontade. (D&C 58:26-29) Além disso, somos advertidos de que não convém sermos mandados em todas as coisas. A escolha de um companheiro eterno certamente é uma boa causa, além de parte extremamente importante da imprescindível experiência de vida terrena que viemos adquirir. Isto, obviamente, requer boa quantidade de consideração analítica, a par de fervorosas orações.

As Escrituras também aconselham a não perguntar simplesmente e esperar uma resposta. Devemos estudar e ponderar as questões, tentando chegar a uma decisão, e depois procurar diligentemente o auxílio de Deus através da oração. (D&C 9:7-9) Se não fizermos a nossa parte, dificilmente mereceremos uma resposta de Deus, pelo simples fato de termos perguntado. Porém, se fizermos tudo ao nosso alcance e depois orarmos a Deus, ele não nos abandonará na hora de tomar decisões relevantes, tal como a escolha de um cônjuge. Muitas vezes, a resposta recebida nessas ocasiões é a convicção de que Deus ouviu nossas preces, aceitou nossos esforços até aquele ponto, e quer que tomemos o passo seguinte.

Muitas vezes, a questão de encontrar o companheiro certo deixa implícito que só existe um único, e tão logo ele seja encontrado, existirá ventura eterna. Este modo de pensar tende a dar ênfase demasiada ao elemento de

descoberta, subestimando o elemento de **criação.** Geralmente, o momento de descoberta deve ser seguido de atos de criação, para que essa descoberta ganhe importância. Isto parece aplicar-se primordialmente na seleção do companheiro eterno. A gente pode saber quando encontrou a pessoa certa, (1) ponderando e analisando mentalmente a questão, (2) recorrendo a Deus em oração, para que ele confirme nossas próprias conclusões, e (3) resolvendo que a descoberta do companheiro conjugal é apenas o início de uma **criação** eterna. Ninguém consegue criar sem esforço. Assim, você pode ter encontrado a pessoa certa **agora,** mas, sem a disposição, por parte de ambos, de trabalhar pela sua felicidade, mais tarde talvez descubra que ele está se tornando a pessoa errada. Não olhe apenas para o passado (que tipo de pessoa é cada um de vocês) mas também para o futuro, perguntando o que os dois desejam tornar-se: as respostas para esta última pergunta dir-lhe-ão mais acuradamente se ele é realmente a pessoa certa para casar-se com você.

Se tiver considerado cuidadosamente o que você e o seu cônjuge em perspectiva têm em comum, e se escolheu alguém que compartilha de muitos de seus ideais, então provavelmente não terá que transigir em nenhum de seus reais valores. Além disso, você deveria receber de seu companheiro a segurança, bem-estar e paz de espírito necessários para viver segundo seus valores pessoais. Duas pessoas compartilhantes de valores eternos, e comprometidas com uma vida inteira de esforço comum, provavelmente experimentarão poucas desavenças **destrutivas.** Vocês terão divergências, sem dúvida, enquanto trabalham juntos; mas, se as resolverem construtivamente, irão crescer na unicidade de propósito que leva à vida eterna.

Darwin L. Thomas
Professor-assistente de Sociologia
Universidade Estadual de Washington

"O que acha de estudo e recreação aos domingos?"

Todos os que se fazem esta pergunta (e certa ocasião eu a fiz a mim mesmo) estão em perigo de jamais encontrar resposta. Devido à maneira de formular a questão, é muito provável que procurem a resposta no lugar errado.

Na verdade, a pergunta diz: "É **errado** estudar e divertir-se no domingo?" Quando se pensa nessas atividades salutares, provavelmente a gente não encontrará nada de errado em fazê-lo no dia do Sábado. Afinal, são permitidas nos demais dias da semana.

Mas, quando a pessoa formula a pergunta de outra

maneira, creio que poderá chegar ao que eu creio seja a resposta. Quando me lembro dos domingos durante os anos de colégio, faculdade e curso de doutoramento, acalento a memória daqueles em que desfrutei o Espírito do Senhor enquanto desempenhava minha mordomia ou visitava alguém necessitado ou lia as Escrituras. Dos demais, ou me esqueci ou me causam remorso. Foram domingos em que fiz coisas (como estudar) que não são propriamente erradas, mas **privaram-me de participar do Espírito especial desse dia.** Em vez de indagar: "Estudo e recreação são errados no domingo?" seria mais conveniente perguntar: "Será que o estudo e recreação irão privar-me de usufruir as bênçãos do dia do Sábado?" A resposta à segunda pergunta é que tudo o que interfere nessas bênçãos é indigno no dia do Sábado.

Algumas pessoas pensam que precisam estudar no domingo como seus colegas, a fim de não ficarem para trás; principalmente os estudantes de pós-gradução tendem a pensar assim, mas creio que estão enganados. Nessas circunstâncias, o que conta é a qualidade das horas de estudo, horas em que se está alerta, com a consciência tranqüila e razoavelmente confiante. Simplesmente acrescentar mais **quantidade** de horas ao tempo de estudo não assegura à pessoa **qualidade** de horas; pelo contrário, estudando aos domingos, a pessoa tende a perder aquela clareza, lucidez e senso do apoio do Senhor, tão necessários para que as horas de estudo sejam proveitosas. Por outro lado, se participar do Espírito do Senhor, proporcionador de paz e renovação, no dia do Sábado, os obstáculos interiores que podem prejudicar o aproveitamento — inquietação, protelação e consciência pesada — geralmente serão minimizados pelo resto da semana.

"Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar." É pelo sacrifício que as coisas são santificadas. Na questão em pauta, o estudante sacrifica o domingo ao Senhor, desistindo de atividades que não são intrinsicamente erradas sob qualquer aspecto, a fim de levar consigo durante o resto da semana parte da santidade daquele dia.

Terry Warner
Professor Associado de Filosofia
Diretor do Programa de Distinções
Universidade de Brigham Young

TUDO BEM

Mary Pratt Parrish / Ilustrado por Virginia Sargent

O **pai de Tommy estava entre os** escolhidos para deixar **Garden Grove** e seguir até **Council Bluffs,** a fim de lá estabelecer uma colônia. Chegaram ali em princípios de junho, quando a estação chuvosa já chegara ao fim. Brigham Young mandou os homens arar, plantar e contruir em preparação para a chegada do próximo contingente de santos. Em fins de junho, os homens estavam-se aprontando para seguir em direção ao Oeste. Então, um dia, Tommy observou quatro militares chegando ao acampamento e pedindo para falar com os líderes.

Ao meio-dia, Brigham Young convocou uma reunião pública e apresentou aos santos o Capitão James Allen, do Exército dos Estados Unidos. Este, adiantando-se, tomou a palavra e disse:

— Os Estados Unidos estão em guerra com o México. Vim, por ordem do presidente, recrutar quinhentos homens para se reunirem às tropas que estão em marcha para a Califórnia.

Mal terminou, todo mundo se pôs a falar ao mesmo tempo.

Então levantou-se Brigham Young e disse:

— Se quisermos o privilégio de ir para onde possamos adorar a Deus de acordo com os ditames da nossa consciência, temos que fornecer o batalhão. Afirmo que nenhum dos que se alistarem tombará pela mão dos inimigos da Pátria. Farei todo o possível para cuidar das suas famílias. Elas serão alimentadas sempre que eu próprio tiver algo para comer. O soldo que os quinhentos homens receberem servirá para levar suas famílias até o vale. É justo que atendamos ao chamado, e sei que o fareis.

Após a partida do Capitão Allen, houve uma reunião do conselho. Em seguida, alguns irmãos partiram, a fim de recrutar voluntários em **Pisgah.**

Tommy olhou para o pai, e este para ele. Nenhum dos dois falou, mas, no íntimo, Tommy conhecia os pensamentos paternos. Poucos instantes mais tarde, ele deu um passo à frente, e o garoto sabia que o pai seria um dos voluntários.

Quando Brigham Young voltou de sua viagem de alistamento de voluntários para o Batalhão Mórmon em **Mt. Pisgah** e **Garden Grove,** vinha acompanhado dos gêmeos Parkinson e do pai deles. A Irmã Parkinson havia morrido em **Garden Grove,** e o pai continuara viagem com as crianças até **Council Bluffs,** porque queria alistar-se no Batalhão Mórmon, se pudesse deixar Eliza e Elias com a mãe de Tommy durante sua ausência.

— Tommy e eu estivemos imaginando quem poderia dirigir o outro carroção enquan-

to seu pai não estivesse aqui, e Betsy há muito tempo deseja uma irmãzinha, — sorriu a mãe de Tommy.

Tudo arranjado, o Irmão Parkinson uniu-se ao Batalhão Mórmon junto com o pai de Tommy. No dia 20 de julho, ao som marcial da Banda Pitt, o batalhão partiu para o Forte Leavenworth e a longa marcha até a Califórnia.

Vendo o batalhão em marcha se afastando Tommy recordou as palavras de despedida do pai:

— Você não vai ficar sozinho, Tommy. Os irmãos vão ajudá-lo, e o Pai Celestial ficará tão perto quanto você permitir.

Quando já não mais podiam ver o batalhão, Brigham Young subiu num caixote para falar aos que haviam ficado. Tommy ouviu-o anunciar:

— Não iremos mais adiante este ano. Em troca, vamos estabelecer um acampamento de inverno no outro lado do rio. Lá há ervilha brava em profusão para alimentar nosso gado durante o inverno. Além disso, poderemos cortar o alto capim nativo das pradarias para o gado.

— Os índios deram-nos permissão de ficar em suas terras e usar sua madeira e água. Em troca, vamos ajudá-los na colheita do milho e negociar com eles sempre que possível.

— Precisaremos da dedicada cooperação de todo homem e garoto capaz, para ceifar o capim, arar e para plantação dos campos e construção de cabanas, antes da chegada do inverno.

— Amanhã começaremos a nos mudar para a outra margem do rio. A balsa atravessará os carroções e as pessoas, porém as trinta mil cabeças de gado, ovelhas, cavalos e mulas terão que atravessá-lo nadando.

— Vai ser um trabalho e tanto, mas, com a ajuda de Deus, não podemos fracassar.

No dia seguinte, Tommy e Elias esperaram sua vez de levar os carroções para a balsa. Depois, desatrelaram os bois, conduzindo-os para a beira do rio, onde os aguardavam a mãe, Eliza e Betsy, com a velha Nell, a vaca leiteira.

A mãe de Tommy estava preocupada.

— É tão longe até a outra margem, além de o rio ser fundo e a água escura. Com tantos animais atravessando, quem sabe o que pode acontecer! Certamente alguém poderá levar nossos animais para nós.

Tommy ficou pensativo por uns momentos, e depois perguntou:

— Já se esqueceu, mamãe, de que Brigham Young disse que os rapazes deviam arcar com sua parcela de responsabilidade?

— Nós nos ajudaremos mutuamente, — falou Elias. — E há mais gente que nos ajudará, se for preciso.

A mãe de Tommy abraçou os garotos e depois voltou para a balsa com as meninas.

Tommy e Elias fizeram os animais entrar no rio e, em seguida, pularam cada um para o lombo de um dos bois-guia. A princípio, os bois mostraram-se rebeldes, dificultando a tarefa dos garotos, mas logo estavam nadando firmemente para o lado oposto.

Por toda a parte, nadavam bois pertencentes aos carroções que estavam sendo transportados pela balsa. Tudo andou bem, até que um dos animais se assustou. Tommy tentou afastá-lo com o pé, depois procurou acalmá-lo, falando em tom tranquilizador, porém em vão. O animal aterrorizado bateu contra o boi de Tommy, quase fazendo-o perder o equilíbrio. O dono do animal gritou:

— Agarra-te nos chifres dele!

Abaixando os olhos, Tommy viu que o animal estava tão perto, que, se conseguisse agarrar seus chifres, poderia passar para a garupa dele sem cair no rio. Elias gritou:

— Agora, Tommy! Agora!

Tommy, soltando os chifres da sua montaria, estendeu as mãos em direção dos chifres do boi em pânico, e conseguiu pegá-los. Mais um momento teria sido tarde demais. Dando um impulso ao corpo, passou-se para as costas dele e, afinal, conseguiu acalmá-lo. Logo estavam seguindo firmemente em direção à margem oposta.

Quando os animais estavam seguros na outra margem, Elias exclamou:

— Tommy, você foi grande!

O dono do boi mostrou-se agradecido.

— Se não fosse você, disse, — todos nós estaríamos em apuros.

Tommy sentiu-se satisfeito, porém, sabia que, sem a ajuda do dono do animal e de Elias, jamais teria tido a coragem de fazer aquilo. E sem a ajuda do Pai Celestial, não teria sido bem sucedido.

E novamente voltaram-lhe à mente as palavras de despedida do pai: "Você não vai ficar sozinho, Tommy. Os irmãos vão ajudá-lo, e o Pai Celestial ficará tão perto quanto você permitir."

Pela primeira vez desde a partida do pai, Tommy convenceu-se de que tudo acabaria bem.

Os Vencedores

Lovisa Hurtado / Ilustrado por Liz Dunlap

Maria Molina continuava quieta, as mãos caídas no colo, retorcendo o imaculado lençinho de renda. Há meses que estivera esperando por este dia, dezoito de setembro. E nunca antes sentira-se tão arrasada como hoje.

Seu vestitdo azul era o traje perfeito para dançar as músicas folclóricas chilena. Os três babados de larga saia de algodão azul haviam sido cuidadosamente franzidos e pregados pela mãe. O lenço franjado que usava ao pescoço pertencera à avó, e seus sapatos pretos de salto grosso produziam os estalos exatos quando andava ou dançava.

A **ramada**[1] principal que tirava seu nome das **ramas** ou ramos que revestiam o esqueleto de troncos, estava totalmente tomada por amigos e vizinhos, todos rindo e conversando animadamente. A fragrância dos ramos de eucalipto misturava-se ao aroma tentador de **empanadas**[2] ainda fumegantes. Para Maria, as **empanadas,** dispostas ordenadamente sobre mesas de ambos os lados da platéia, pareciam gordos envelopes levando uma mensagem picante a todos os chilenos: "Viva o Dia da Independência!"

Levantando a cabeça, seus olhos estenderam-se para além dos pais, onde o irmão con-

versava com um grupo de amigos. Parecia realmente um verdadeiro **huaso,**[3] tanto quanto lhe permitiam seus onze anos. Vestia um traje preto, de calças justas e bolero, por baixo da **manta**[4] vermelha, azul e branca, orlada de flores de **copihue**[5] bordadas, que era do pai. As botas pretas espelhavam de tão lustradas, realçando as grandes esporas redondas de prata, que se projetavam de seus calcanhares. Seu rosto ainda apresentava a mesma expressão soturna dos últimos dois dias. Ela não suportava mais vê-lo assim. Queria correr para junto dele e explicar mais uma vez: "Foi um acidente. Pode acontecer a qualquer um!"

Maria sabia que ele tinha boas razões para estar aborrecido. Dois dias atrás, ela havia pegado a bicicleta de Lucho no alpendre dos fundos. Tinha quase certeza de que ele teria permitido, se estivesse em casa, e simplesmente não podia perder sequer mais um minuto para comprar a linha necessária para terminar o vestido.

O dia inteirinho, sua mãe e ela ficaram trabalhando para terminar seu traje de **china**[6], a roupa que usaria no concurso juvenil de dança. Seu parceiro iria ser Lucho e tinha muita esperança de ganhar. Pois não haviam vencido a competição na escola? E não foi a professora quem disse que nunca vira execução mais perfeita daquela dança tradicional do Chile?

— O que você irá fazer com sua parte do prêmio? — Lucho perguntara-lhe na manhã daquele mesmo dia. Sem hesitar, ela respondeu:

— Comprar o estojo de costura exposto na vitrina da **Señora** Velasquez.

— E eu um bagageiro para minha bicicleta, — informou Lucho decididamente:

A mãe, voltando-se com um sorriso da máquina de costura, aparteou:

— O Dia da Independência não é apenas para dançar a ganhar prêmios, filhinhos. É também para a gente se recordar.

— Nós aprendemos tudo isso na escola, — aduziu Maria.

— É sim, sabemos tudo sobre Bernardo O'Higgins, o pai do nosso país, e os Carreras e Manuel Rodriguez, — explicou Lucho.

1. Ramada — Espécie de barracas ou caramanchões de paredes e cobertura de ramos.
2. Empanadas — Espécie de pastel de carne.
3. Huaso — Vaqueiro chileno.
4. Manta — Poncho.
5. Copihue — Flor nacional chilena, de pétalas grossas, cerosas.
6. China — Camponesa chilena.

— Então vocês sabem também que esses homens, apesar de eventuais discordâncias, sabiam que trabalhar juntos pela independência era mais importante do que qualquer desavença pessoal. Para mim é este o ponto principal do dezoito de setembro.

Maria continuava recordando as palavras da mãe, enquanto pedalava vigorosamente. Ao lado esquerdo da estrada, podia ver o campo plano onde estavam levantando as ramadas, acima da expansão azul do Pacífico da costa chilena. Seus olhos deleitaram-se com o que via.

Havia, já prontos, os esqueletos de dezenas de pequenas **ramadas** destinadas, à venda de alimentos e de produtos. Subitamente, seus olhos caíram sobre a **ramada** central, cujo esqueleto nu se elevava bem acima do resto. Era ali que se faria o concurso de dança. Talvez Lucho estivesse ajudando a recobrir a armação de troncos com fragrantes ramos de eucalipto, provenientes das montanhas próximas.

Foi então que aconteceu! Maria não reparava nos galhos que, provavelmente, haviam caído de um caminhão ao passar por cima da calçada, a fim de descer a inclinação para o campo dos festejos.

Ouviu-se um som arrepiante de ferro contra cimento, enquanto Maria "voava" longe, aterrisando sobre os ramos de eucalipto, sem ferir-se, exceto uns arranhões. A bicicleta não se saíra tão bem. A roda dianteira estava amassada, com várias varetas dobradas ou quebradas.

Lucho devia ter presenciado tudo, pois Maria mal acabara de pôr-se em pé, quando o viu chegando.

— Você está bem? — gritou preocupado. Então, quando viu o estado da sua bicicleta, a expressão ansiosa transformou-se em zanga.

— Eu estava com pressa de chegar à loja... — ela começou a explicar.

— Não se atreva nunca mais a pôr suas mãos no que é meu! Ergueu a bicicleta e estava a ponto de chorar, quando a voltou em direção da subida. — Nunca mais!

Sem dúvida, Lucho tinha razão de estar zangado. Há dois dias que mal falava. Mesmo a promessa dela de dar-lhe sua parte do prêmio para ajudar a pagar o conserto, não conseguira melhorar as coisas. Pensou na figuração intrincada da dança, os movimentos precisos que todos os chilenos conhecem e observam com olhos críticos. Além disso não basta aprender os passos; o principal é o estilo dos dançarinos, seu entusiasmo e autenticidade.

Maria voltou a olhar para o irmão, lá no outro lado do recinto. Continuava com a mesma cara taciturna, porém agora atento ao que se passava no tablado circular reservado para

as danças. Ela estava tão absorta, que não ouvira os anúncios, e nem notara que o primeiro grupo de concorrentes de quatro pares estava pronto para começar.

A banda iniciou uma música e logo todos os presentes se puseram a bater palmas, acompanhando seu ritmo. Os olhos de Maria encheram-se de lágrimas. As paredes de folhagem, seus vizinhos, o tablado de dança, tudo ficou embaralhado. Era melhor nem sequer tentar. Antes de se dar conta do que fazia, tinha-se levantado do seu lugar e estava correndo para fora, pela saída dos fundos da **ramada.**

Chegando lá fora, a brisa refrescante acariciou suas faces, fazendo o cabelo esvoaçar. Passando pelas barracas de comida, pelos cercados para porcos e galinhas, finalmente emergiu do círculo de **ramadas** e viu-se no local do acidente de bicicleta de dois dias antes.

Maria sentou-se no meio-fio; as lágrimas corriam-lhe pelas faces, caindo livremente sobre o lenço branco no colo. Podia ouvir o alarido da multidão, porém não sentia mais interesse algum pelo concurso. Seu único desejo era voltar às boas com Lucho e reconquistar sua amizade.

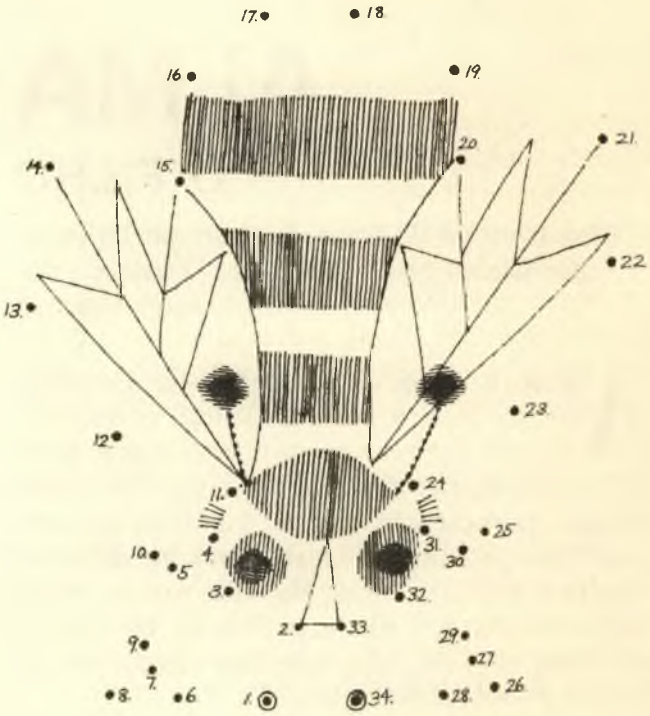
Maria não ouviu os passos atrás dela. Sentindo alguém tocar-lhe o ombro, voltou-se e deu com os olhos sorridentes do irmão.

— Mamãe estava certa. Às vezes, temos que esquecer nossos problemas pessoais e cooperar para conseguir alguma coisa importante. — Estendeu a mãe para ajudar Maria a levantar-se, acrescentando com um sorriso:

— E o que chamo de importante não é ganhar o concurso. — Com isto, voltou-se e saiu em direção das **ramadas.**

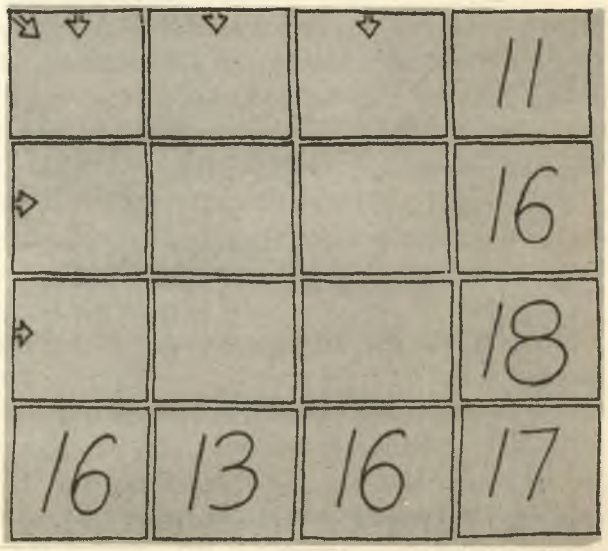
Maria correu atrás dele. Ter Lucho não apenas como irmão mas como seu melhor amigo era mais importante do que todas as bicicletas e estojos de costura do mundo inteiro. Se sorrisos contarem pontos, pensou, Lucho e eu havemos de ganhar!

Ligue os Pontos



Quebra-cabeça Númerico

Distribua os algarismos de 1 a 9, nos quadrados livres, de modo que cada uma das sete colunas apresente a soma indicada.



Solução: Coluna superior = 4, 1, 6
Do meio = 9, 5, 2
Inferior = 3, 7, 8

ALMA

O FILHO

Uma História do Livro de Mórmon Relatada por Mabel Jones Gabbott / Ilustrada por Jerry Harston

Alma, o filho, era um incréu. Seguidamente ouvira seu pai, Alma, admoestar o povo a provar seu amor a Deus e guardar os mandamentos. Mas ele não lhe dava atenção, porque não queria humilhar-se nem ajudar seu próximo. Não se preocupava em ir à igreja e adorar a Deus. Naquele tempo, havia muitos jovens que não acreditavam no que os pais lhes diziam; não queriam batizar-se ou filiar-se à verdadeira igreja.

Alma, o filho, era bem-falante e, com palavras doces e muita lisonja, cativava o coração do povo e fez muita gente afastar-se da Igreja. Ele tinha quatro amigos, os filhos de Mosiah, que tinham a mesma opinião, e tendo Alma como líder, achavam emocionante agir mal.

O Senhor amava Alma e seus amigos, embora não gostasse do que estavam fazendo. Certo dia enquanto andavam secretamente tentando destruir a igreja de Deus e desviar o povo do Senhor, um anjo aparece-lhes. O anjo desceu como que numa nuvem falando com voz de trovão, a ponto de fazer a terra tremer. Eles ficaram tão assombrados, que caíram ao chão e não conseguiam entender o que o anjo dizia. Este os chamou pela segunda vez:

— Alma, levanta-te e escuta! Por que persegues a igreja de Deus?

Alma ficou mudo. O anjo continuou:

— O Senhor ouviu as orações de seu povo, e também as orações de teu pai, Alma, que tem orado com muita fé, para que tu consigas enxergar a verdade. Por isto é que eu vim, para convencer-te do poder e autoridade de Deus e para que as orações de seus servos sejam respondidas de acordo com a sua fé. Como podes tu desafiar o poder de Deus? Fui enviado por ele para dizer-te que deixes de procurar destruir a Igreja.

Alma e seus companheiros caíram novamente por terra, e o assombro de Alma era tão grande que ficou mudo, sem poder abrir a boca. Ficou também tão fraco que não conseguia mover as mãos. Foi preciso que seus amigos o levantassem e carregassem para casa. Chegando ali, deitaram-no diante do pai e contaram-lhe tudo o que acontecera. O pai ficou muito contente, porque sabia que tudo aquilo havia acontecido por causa do poder de Deus.

Então Alma, o pai, chamou todo o povo, para que visse o que o Senhor havia feito por seu filho e pelos que estavam com ele. E o povo e os sacerdotes jejuaram e rogaram ao Senhor que abençoasse Alma, o filho, abrindo sua boca para que pudesse falar e fortalecendo também seus membros — a fim de que se abrissem os olhos do povo e pudessem ver e reconhecer a bondade e glória de Deus.

Depois de dois dias e duas noites, Alma levantou-se e começou a falar, dizendo:

— Rejeitei meu Redentor e neguei o que nossos pais haviam dito; mas agora arrependi-me dos meus pecados, e assim saí das trevas para a luz. O Senhor se lembra de toda criatura que criou, e ele é Deus.

Dali em diante, Alma e os quatro filhos de Mosiah tornaram-se missionários, levando muita gente ao conhecimento da verdade e declarando a todo o povo que o Senhor é quem realmente reina.

BRIGHAM YOUNG

e a Responsabilidade Social

Arthur R. Bassett

Fotografia de Brigham Young ainda moço, reproduzida de um daguerreótipo, feito na Cidade de Lago Salgado, em 1850.

Certos moços contentam-se em aceitar a vida como sempre foi, ao passo que outros, vislumbrando o que ela poderia ser, não se satisfazem, até fazer tudo ao seu alcance para transformar suas visões em realidade.

Brigham Young foi um moço assim, um jovem imaginativo, possuidor de uma visão de possibilidades, todas centralizadas no estabelecimento do reino de Deus aqui na terra. Para ele, esse reino não era nenhuma fantasia etérea, mas uma possibilidade concreta, uma nova maneira de viver, um novo modelo de sociedade; e permitiu que essa visão atuasse sobre sua mente até tornar-se — emprestando uma frase de Jeremias — "como fogo ardente encerrado em seus ossos".

"Sinto vontade de gritar aleluia o tempo todo," observou, "quando penso que cheguei a conhecer Joseph Smith, o Profeta... nós temos o poder para continuar a obra começada por Joseph (a edificação do reino de Deus), até que tudo esteja preparado para a vinda do Filho do Homem. Esta é a obrigação dos santos dos últimos dias e **é tudo o que temos de fazer."**

Esse sonho influiu em suas metas, sua vida e, em última análise, seu destino eterno.

Na verdade, feliz o homem ou mulher que espira a tal meta, enquanto ainda jovem, como no caso de Brigham Young. Nenhum sacrifício parecia-lhe grande demais se tivesse propósito, especialmente se o propósito fosse a edificação do reino de Deus na terra. A busca desta meta o desarraigou de sua vida de carpinteiro em Mendon, Nova York, mantendo-o em constante movimentação, sem nunca fixar residência, até estabelecer seu lar no império ocidental do Grande Lago Salgado.

Supostamente a mais antiga fotografia existente de Brigham Young; sua autencidade não está plenamente provada.

Batizado num dia nevoso do início da primavera de 1832, Brigham Young foi confirmado à beira da água, e ordenado élder em sua casa, a três quilômetros de distância, antes de as roupas terem secado sobre o corpo. E faltando pouco para terminar aquele ano — um ano importante em que se deu a morte da primeira esposa, e seu primeiro encontro com o Profeta Joseph Smith — Brigham Young estava novamente às voltas com a neve, desta vez no empenho de compartilhar a recém-encontrada orientação para a vida com seus amigos no Canadá.

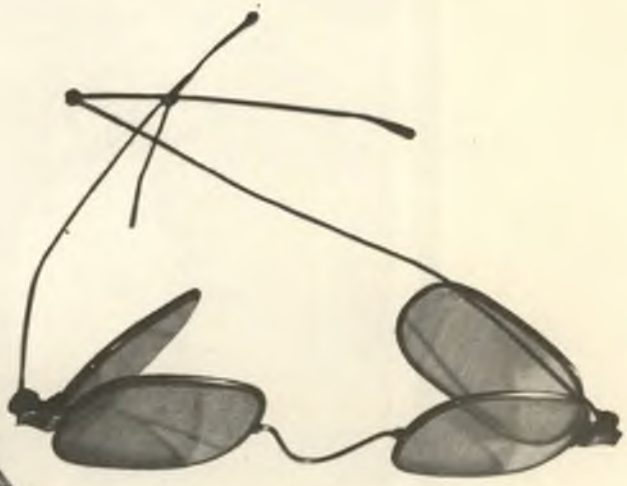
No tempo inclemente de dezembro, Brigham Young e seu irmão Joseph partiram a pé para Kingston, no Canadá. Nessa jornada, os dois jovens élderes tiveram que vencer mais de quatrocentos e sessenta quilômetros com uma camada de neve de "quase meio metro com uns trinta centímetros de lama por baixo". Somente quem já tenha arrastado os pés através de neve e lama poderá apreciar devidamente a façanha dos dois. Para aumentar sua aflição, dez quilômetros da jornada foram sobre o gelo — tão fino que cedia debaixo dos pés, formando poças d'água até meia altura do sapato.

Os missionários labutaram naquela área durante dois meses, batizando quarenta e cinco almas. Qualquer jovem que tenha provado suas próprias inadequabilidade, terá satisfação em saber que o trabalho missionário não foi tarefa fácil para Brigham Young. Ele considerava-se "tão destituído do vocabulário quanto um homem pode ser".

"Como me doía a cabeça, quando queria expor minhas idéias às pessoas e não encontrava as palavras para exprimi-las; mas eu era tão resoluto, que sempre tentava fazer o melhor possível."

Passou-se outro ano e mais uma missão, antes de Brigham Young finalmente poder instalar sua pequena família em Kirtland, onde se tornou íntimo de Joseph Smith. Outras vinte almas foram trazidas ao reino como resultado de uma segunda missão sua, as quais, em seguida, conduziu a Kirtland, à semelhança do que faria mais tarde na migração dos santos para o Oeste. Assim que se viu estabelecido na tranqüila cidadezinha de Kirtland, na região norte de Ohio, Brigham Young começou a instruir-se com o Profeta Joseph Smith a respeito de Sião, lugar de morada dos puros de coração.

Saco de viagem, de tapeçaria, usado durante a primeira missão.



Óculos fora do comum de Brigham Young com dois pares de lentes — um usado normalmente, e o segundo sobreposto para leitura.

Outro grande sacrifício pela causa de Sião ocorreu em 1834, quando acompanhou Joseph Smith na marcha do Acampamento de Sião.[1] Soube-se em Kirtland que os santos do Missouri haviam sido expulsos de seus lares pelo populacho e que precisavam de auxílio. Houve um apelo aos irmãos de Kirtland, sendo que Joseph e mais duzentos e cinco responderam ao pedido de socorro. A violência seria enfrentada à força. Os que se apresentaram, sabiam que poderiam encontrar a morte no fim da marcha de mais de mil e quinhentos quilômetros.

A geração de Brigham estava acostumada a caminhar longas distâncias, mas nada que se comparasse àquela marcha. Mais tarde, o Presidente Young contava como andou semanas seguidas com sangue nos sapatos, enquanto trabalhara como missionário, mas mesmo o trabalho missionário era nada comparado à violência daquela marcha, dia após dia, no calor do verão.

Com o prosseguimento da marcha, veio a exaustão, a paciência escasseou e os ânimos se exaltavam. Finalmente, a terrível cólera atingiu-os com suas insuportáveis cólicas e morte repentina. Dois anos antes, houvera na América uma grave epidemia de cólera, sendo por isso bem conhecidos os sintomas — diarréia, vômitos convulsivos e cólicas terríveis, seguidos de desidratação que deixava a face lívida e encovada, as extremidades frias e roxas, com a pele das mãos e pés enrugada.

A morte sobrevinha num dia, ou mesmo dentro de um hora, sendo que ocasionalmente a vítima simplesmente desabava como que golpeada por um machado. Alguns homens do Acampamento de Sião procuraram fugir, mas Brigham Young permaneceu, sendo anotado por Joseph Smith como um dos mais ativos no atendimento aos enfermos e sepultamento dos mortos.

Não muito tempo após a experiência com o Acampamento de Sião, Brigham Young foi chamado pelo Profeta Joseph para o primeiro Conselho dos Doze dos tempos modernos, organizado em 1835. O novo chamado fê-lo experimentar muitas mudanças e sentir o peso das crescentes responsabilidades, porém sem alterar sua meta na vida: continuar a obra iniciada por Joseph Smith até que tudo estivesse pronto para a vinda do Filho do Homem.

Duas cenas, ligeiramente esboçadas, dos anos apostólicos de Brigham Young, bastarão para ilustrar sua constante dedicação àquela meta. Ambas foram tiradas do ano de 1839.

A primeira ocorreu em fevereiro. Joseph Smith estava preso em Liberty, e Brigham Young geria os negócios da Igreja em virtude de sua posição de presidente do Conselho do Doze, nova responsabilidade que lhe coubera devido à apostasia de Thomas B. Marsh e o assassinato de David W. Patten na batalha de **Crooked River.** O problema do momento era transferir os santos do Missouri para Illinois. Poucas pessoas estavam devidamente equipadas para a mudança; muitos eram paupérrimos e, na ânsia de partir, era grande a tentação de sair correndo para salvar a própria vida. Mas, no entender de Brigham Young, esta não era a maneira de agir de autênticos santos de Deus. A sociedade, sem dúvida, jamais poderia sobreviver, sem que o homem aprendesse a ter amor, compaixão e cuidado por seu semelhante.

Assim, foi convocada uma reunião e redigido um convênio, estipulando que os signatários se comprometiam a não partir até terem auxiliado todos os pobres a irem junto. Brigham Young e seus familiares, acompanhados pela família de Heber C. Kimball (O Élder Kimball permaneceu no Missouri) puseram-se a caminho, no tempo inclemente de fevereiro, com os carroções voltados para o Illinois, encabeçando uma das mais estranhas procissões de toda experiência emigratória mórmon.

Após uma caminhada de até trinta quilômetros pelas planícies geladas do Missouri, Brigham Young parava,

Luxuosa poltrona de veludo vermelho, do vagão particular de Brigham Young.

levantava um abrigo temporário para sua mulher e cinco filhos, e depois retornava ao ponto de partida, para buscar alguns santos sem recursos. Dessa forma, ele realmente percorreu três vezes a distância vencida pela maioria de seus companheiros de viagem. Mais tarde, pelo fim da jornada, em Quincy, Illinois, realizou-se uma reunião ímpar. Os santos locais, ao saberem que cinqüenta famílias continuavam em Far West por falta de recursos para viajar, mais uma vez se solidarizaram, oferecendo vender o pouco que lhes restara — chapéus, casacos, sapatos — em benefício de um fundo de viagem. Brigham Young comenta:

"Partimos o pão e participamos do sacramento. No fim da reunião, foram coletados cinqüenta dólares em dinheiro cedidas diversas parelhas para o transporte dos irmãos. Entre os subscritores estava a Viúva Warren Smith, cujo marido e filho haviam sido mortos no massacre de **Haun's Mill.** Ela cedeu sua única parelha para essa missão caridosa."

Essa experiência e muitas outras semelhantes reforçaram a convicção de Brigham Young de que o povo pode unir-se em amor, que possui a capacidade de criar uma sociedade de acordo com os preceitos cristãos, fundamentada no amor e cuidado para com o próximo.

A segunda cena desse mesmo ano, que ilustra sua determinação de não medir sacrifícios para edificar o reino de Deus, ocorreu entre setembro de 1839 e fevereiro de 1840, envolvendo uma missão na Grã-Bretanha.

Mas agora, o que mais interessa é sua viagem a Nova York. Chegara a hora de os Doze partirem em missão especial; porém, Brigham Young, como tantos de seus irmãos, estava acometido do que parece ter sido malária. Com fortes dores no corpo inteiro, conseguiu de alguma forma levantar-se da cama em Montrose, Iowa, e aprontar-se para a viagem. Como não possuía capote, usou um acolchoado de criança como abrigo improvisado. Todas as crianças estavam de cama com febre. Sua esposa também estava enferma, necessitando de auxílio, com seu bebê de dez dias. O rio Mississipi passava a somente uns cento e cinqüenta metros da casa, mas Brigham Young não conseguia chegar nem mesma até sua margem. Um vizinho trouxe um carroção e ele deu um jeito de subir. Esperavam-no na margem, sendo levado num barco a remo para a margem oposta, de onde Israel Barlow o transportou a cavalo para a casa de Heber C. Kimball, em Nauvoo. Ali caiu em prostração, sem poder prosseguir por quatro dias.

Eventualmente chegou a hora, e os missionários partiram para o Leste, movendo-se como podiam; o Presidente Young ia deitado no fundo do carroção. Quem já conheceu o mal-estar de uma gripe, bem pode imaginar como se sentiria sendo sacolejado através da zona rural entre Illinois e Indiana. Quatro meses mais tarde Brigham chegava na Ci-

Esta descalçadeira foi feita para Brigham Young com material da primeira fornada de ferro fundido em Utah.

Lion House, **com seu telhado de múltiplas cumeeiras, construído por volta de 1856 para residência de Brigham Young e onde faleceu em 1877.**

Patins de gelo usados pelos filhos de Brigham Young.

Fotografia autêntica de emigrantes mórmons descendo pelo Echo Canyon em 1867.

Mensagem numa caveira assinada pelo presidente.

dade de Nova York, finalmente restabelecido, mas não a salvo de reveses. Ao subir no barco, no Brooklyn, levou um tombo e, caindo contra uma grande argola de ferro, deslocou o ombro esquerdo. Enquanto dois irmãos o seguravam firmemente contra o tombadilho, Parley Pratt agarrou-lhe a mão, puxando-a fortemente depois de firmar o pé contra o lado de Brigham Young. Ainda que sofrendo horrivelmente, ele próprio dirigiu o osso de volta à cavidade da articulação com a mão direita. Quando o levaram para junto do fogo, o Presidente Young desmaiou e ficou incapaz de vestir-se por diversos dias.

Almas menos nobres teriam desanimado e desistido muito antes daquele ponto; Brigham Young, porém, jamais seria um desertor, estando em jogo o estabelecimento do reino de Deus. Ele continuou, embarcou no navio e ficou mareado durante a maior parte da viagem. Ao chegar na Inglaterra, estava tão macilento, que seu próprio primo, Willard Richards, não o reconheceu.

Depois de meses de árduo trabalho missionário, voltou para casa. seu sacrifício provara-se aceitável ao Senhor. Chegando em Nauvoo, recebeu este encômio e recomendação.

"Querido e bem amado Irmão Brigham Young, na verdade, assim te diz o Senhor: Meu servo Brigham, não mais se requer de ti que deixes a tua família como em tempos passados, pois a tua oferta me é aceitável.

"Tenho visto o teu serviço e trabalho nas viagens que fizeste pelo meu nome.

"Eu, portanto, te mando que envies a minha palavra ao estrangeiro e tomes especial cuidado de tua família de agora em diante, e para sempre. Amém." (D&C 126:1-3).

Foi assim a preparação de Brigham Young para o chamado profético. Não uma, mas muitas vezes ele literalmente colocou sua vida sobre o altar, no empenho de estabelecer o reino de Deus, esta Sião, aqui na terra. Tudo o mais estava subordinado a essa meta, na qual acreditava de todo o coração. Posteriormente, em virtude dessa preparação, foi a pessoa ideal para, na escolha do Senhor, encorajar outros a participar do desenvolvimento da sociedade ideal. Era total sua dedicação a Cristo. Já como profeta do Senhor, comentou mais tarde:

"Tenho Sião constantemente diante dos olhos. Não vamos esperar pelos anjos, ou por Enoque e seus companheiros, para que venham e construam a Sião; nós próprios a construiremos. Cultivaremos nosso trigo, levantaremos nossas casas, cercaremos nossas propriedades, plantaremos nossas vinhas e pomares, e produziremos todo o necessário para o conforto e bem-estar do nosso corpo, e desta maneira, tencionamos edificar a Sião na terra, purificando e limpando-a de toda a poluição. (Uma declaração significativa nesta nossa época de problemas ecológicos.)"

Depois, continua:

"Possa partir de nós uma influência bendita sobre todas as coisas sobre as quais temos algum poder; sobre o solo que cultivamos, as casas que construímos, e tudo o que possuímos; e, se cessarmos de nos associar com o que é corrupto, e estabelecermos a Sião de Deus em nossos corações, nossas casas, nossas cidades e pelo país inteiro, acabaremos domando a terra, pois somos os seus senhores; e então em lugar de cardos e espinhos, toda sorte de planta útil que sirva de alimento ao homem e de embelezamento e adorno, brotará de seu seio."

Em suma, para Brigham Young, o planejamento comunitário não era simplesmente estabelecer cidades e

plantações. Era criar um local próprio para anjos, um pedaço do céu na terra. A instrução devia ter papel predominante. Ele previu o tempo em que a Sião dos mórmons no Oeste seria uma atração para os povos do mundo inteiro, que viviam para tirar proveito do exemplo.

Sob muitos aspectos, seu sonho ainda não se concretizou, porque muitos de nós falhamos em compreender sua importância. Chega-se a ter vontade de perguntar à nossa geração: "Onde encontrar, na Igreja, hoje em dia, jovens com a dedicação de um Brigham Young a esse mesmo sonho?" Esperamos que a resposta seja: "Bem aqui, em nossa própria ala, em nosso próprio ramo."

---

1 Acampamento de Sião — Organizado a 7 de maio de 1834, de acordo com revelação recebida. Joseph Smith era comandante-chefe de diversas companhias, cada qual dirigida por seu próprio capitão.

DATAS MARCANTES DA VIDA DE BRIGHAM YOUNG
(1801-1877)

1.º de junho	Idade	
1801	—	Nasce em Whittingham, Vermont.
1815	14	Falecimento da mãe; ganha seu próprio sustento; eventualmente torna-se carpinteiro.
1824	23	Casa-se com Mirim Works, que falece em 1832.
1832	31	Batizado e ordenado élder.
1834	33	Casa-se com Mary Ann Angell.
1835	34	Ordenado apóstolo.
1839-41	38-40	Faz missão na Grã-Bretanha.
1844	43	Joseph Smith é assassinado; assume a liderança da Igreja como presidente do Conselho dos Doze.
1846-47	45-46	Dirige o êxodo para a Cidade de Lago Salgado.
1847	46	É apoiado como presidente da Igreja.
1850	49	Torna-se governador do Território de Utah.
1853	52	Lança pedra fundamental do Templo de Salt Lake.
1857-58	56-57	Guerra de Utah
1867	66	É terminada a construção do Tabernáculo.
1877	76	Dedicação do Templo de St. George, primeiro templo no Oeste.
29 agosto 1877	76	Falece.

Brigham Young em diversas etapas da vida.

Esta secretária, confeccionada especialmente para Brigham Young, era freqüentemente usada por ele e seus conselheiros.

Não Terás... Não Farás... Não Dirás...

Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze

Tempos atrás, ouvi um grande empresário dar uma interessante fórmula para o sucesso. Disse ele que, ao planejar qualquer empreendimento, um dos primeiros passos é decidir definitivamente as coisas que **não** deverão ser feitas sob quaisquer circunstâncias. Quer dizer, se alguém pretende estabelecer-se comercialmente, existem certas práticas desonestas e procedimentos impróprios que devem ser definitivos e permanentemente vetados de antemão. Ou, ao planejar-se um casamento feliz, certas infidelidades e deslealdades **jamais** devem ser cogitadas. Quando se eliminaram definitivamente as coisas que **não** serão feitas, pode-se concentrar toda a energia e tempo nas coisas que devem ser feitas.

Sempre acabamos metidos em muita dificuldade, quando deixamos de tomar decisões firmes e duradouras para governo de questões importantes. Um psiquiatra perguntou a certo paciente seu: "Costuma ter dificuldade de se decidir?" O doente mental respondeu: "Bem, sim e não." Gente do tipo sim-e-não é fraca. A pessoa indecisa comete muito mais erros do que seria normal.

Recentemente, perguntou-se a um indivíduo que procurava ajuda para um problema moral: "O que pretende fazer a respeito da próxima ten-

tação?", ao que respondeu: "Como posso dizer antes de saber como será?" Se ele não consegue tomar uma decisão adequada enquanto vergado pelo remorso, que chance terá, quando seus apetites estiverem novamente inflamados? Sem dúvida, colocamos um série entrave sobre nós, quando deixamos de nos decidir sobre as importantes questões de moral, honestidade, integridade, diligência e religião.

Uma das melhores ilustrações desse processo de proscrição antecipada de fracasso foi empregada pelo próprio Senhor, ao procurar fazer da antiga Israel a maior nação da terra. Três meses depois de libertados do cativeiro egípcio, foram mandados acampar diante do Monte Sinai. Ali Deus entregou-lhes os Dez Mandamentos, que incluem uma lista de coisas que não deviam fazer sob quaisquer circunstâncias, pois nem mesmo o próprio Deus poderia fazer uma grande nação de um bando de assassinos, mentirosos, ladrões, ateus, adúlteros e violadores do Sábado.

Aparentemente, o Senhor procurou tornar a apresentação o mais memorável possível, o que faz lembrar o caso do engenheiro que foi dispensado de certa empresa. Perguntando ao presidente da companhia por que estava sendo despedido, este explicou: "O senhor deixou que cometêssemos um erro que nos custou muito dinheiro." O engenheiro defendeu-se: "O senhor certamente deve lembrar-se de que os avisei explicitamente a **não** fazê-lo." O diretor replicou: "Sim, lembro-me de que o senhor nos advertiu, mas o senhor não esmurrou a mesa ao falar."

O tipo de ênfase dada a uma idéia é, às vezes, quase tão importante quanto a própria idéia. Recentemente um clérigo, pelo rádio, disse que nunca falava nos Dez Mandamentos em sua igreja, porque eram por demais antiquados. Declarou também que a linguagem deles era tão áspera, que feria a suscetibilidade aguçada de hoje. Esse clérigo achava que, em vez de usar termos como mandamento e falar no imperativo, o Senhor deveria ter empregado palavras mais suaves como **eu recomendo** ou **eu sugiro** ou **eu aconselho.** Porém, palavras brandas freqüentemente produzem atitudes fracas de pouco significado, e já contendo o germe da violação.

Sabemos que a destrutiva permissividade nos dias de hoje causa alguns de nossos mais graves pecados. O Senhor, porém, não permitiu que nenhuma permissividade se insinuasse nos Dez Mandamentos. Ele desceu no Sinai, envolto numa nuvem de fogo, do qual subia fumaça como de uma fornalha. Ele veio com tal poder, que a montanha estremeceu e o povo todo tremia. Então, ao acompanhamento dos relâmpagos e trovões da montanha sagrada, Deus entregou-lhes sua lei básica e enumerou algumas coisas que não deviam fazer, dizendo:

1. Não terás outros deuses diante de mim.
2. Não farás para ti imagem de escultura.
3. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.
4. Lembra-se do dia do Sábado para o santificar.
5. Honra a teu pai e a tua mãe.
6. Não matarás.
7. Não adulterarás.
8. Não furtarás.
9. Não dirás falso testemunho.
10. Não cobiçarás. (Êxodo 20:3-4, 7-8, 12-17)

Estas cinqüenta e duas palavras podem ser lidas em menos de trinta segundos e, no entanto, se fossem seguidas, transformariam de imediato a terra num paraíso divino. Mas, não somente desobedecemos a estas leis importantes — muita gente nem sequer as conhece. Certo homem disse uma vez a um amigo: "Dou-te cinqüenta cruzeiros, se souberes repetir um dos Dez Mandamentos." O amigo aceitou o desafio e demonstrou seu conhecimento, recitando: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus. O pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal." O amigo respondeu: "Toma o dinheiro, não pensei que fosses capaz."

Mas, por estarmos quebrando os Dez Mandamentos, estamo-nos destruindo também, cumprindo aquela profecia de Ezequiel que diz: "...a alma que pecar, essa morrerá." (Ezequiel 18:4) O pecado é mais do que ordinariamente importante, pois como disse Martinho Lutero certa vez: "Um vício consegue sobrepujar dez virtudes."

O banqueiro talvez possa contrabalançar um passivo com um ativo de igual valor, mas não é possível fazer o mesmo na muito mais importante contabilidade da vida, visto que muitas grandes virtudes podem ser inutilizadas por um único vício. Recentemente, três homens estavam sendo cogitados para indicação a importante cargo: De um deles foi dito: "É muito trabalhador e competente, **mas** não muito honesto." Do segundo, comentou-se: "É estritamente honesto e muito capaz, **mas** não gosta de trabalhar." E do terceiro: "É muito capacitado e benquisto, **mas** é imoral." Embora os elogios sejam ótimos, quando chegamos aos **mas,** conviria a cada um de nós se precaver. Não podemos cancelar um pouquinho de imoralidade com um pouco de industriosidade, ou uma pequena desonestidade com outro de capacidade, ou um bocadinho de ateísmo com um punhado de boas intenções.

Nos Estados Unidos, houve mais de quatro milhões de processos por roubo de valores acima de cinqüenta dólares. Desses, uns 777.000 diziam respeito a furto de carros. Atualmente, muita gente está substituindo os Dez Mandamentos por sua própria versão da nova moral. Temos milhões de ateus praticantes, e um assassinato ou suicídio a cada quinze minutos, dia e noite. Este código modificado reza: Não matarás enquanto ninguém se atravessar em teu caminho, ou não adulterarás, a não ser que gostes do teu parceiro, ou não terás outros deuses diante de mim, desde que não tenhas idéia melhor. E alguns foram mesmo até o ponto de repudiar o próprio senso de responsabilidade pessoal recebido de Deus.

Um repórter de conhecida revista, entrevistando certa moça, perguntou-lhe se ela achava errado quebrar os Dez Mandamentos. Resposta: "Quem sou eu para dizer o que é certo ou errado?" Outros dizem

mesmo que tanto faz. Não obstante, o Senhor confirmou e reforçou em nossos próprios dias essas grandes leis dadas no Sinai. Conforme o registrado na seção 59 de Doutrina e Convênios, ele disse: "Não furtarás, nem cometerás adultério, nem matarás, nem farás coisa alguma semelhante." (D&C 59:6) Nós fazemos muitas coisas que são "quase como" quebrar os Dez Mandamentos. É fácil os meio-crentes e meio-ativos incorrerem nos funestos pecados de devoção fracionária, com princípios morais marginalizados e um mínimo de obras. Desobediência e indolência acabam impondo-nos um fardo tão pesado de conseqüências que não conseguimos suportá-lo.

Eu não estava presente no Sinai, quando os Dez Mandamentos foram dados, mas sei tão bem como qualquer dos que lá estiveram que é certo obedecer a Deus e honrar nossos pais. Sei que o povo que santificar o dia do Sábado se tornará diferente daqueles que não o fazem. Sei tão bem quanto o povo no Sinai, que é errado profanar, furtar, cobiçar, prestar falso testemunho, matar, adulterar ou quaisquer coisas semelhantes.

O Senhor falou pela boca de Malaquias:" Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nós dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação." (Mal. 3:8-9).

Se, naquela época, o povo que deixava de pagar o dízimo estava roubando a Deus, então nós, fazendo o mesmo, o estamos roubando agora. E, roubando a Deus, estamos roubando a nós próprios. A não ser que pretendamos destruir a herança que nos cabe, faríamos bem em colocar barras de segurança ao longo dos limites do caminho estreito e apertado que leva ao reino celestial. Deveríamos pintar umas linhas amarelas bem demarcadas entre certo e errado, e fincar sinais de PARE nos becos sem saída com trânsito proibido.

Deus, pessoalmente, declarou que não pode encarar o pecado com a mínima tolerância e que, na sua presença, jamais é permitido qualquer pecado, por menor que seja. E, quando assumimos atitudes erradas, damos maus exemplos ou fazemos coisas perniciosas, estamos frustrando seus propósitos, violando o grande mandamento que diz: "Não dirás falso testemunho" quando, declarando-nos filhos de Deus, saímos por aí agindo como pecadores, covardes e fracalhões.

Por causa de nosso direito inato, nossa inteligência, nossos convênios e encargos, somos todos testemunhas especiais de Deus, tendo algumas coisas muito importantes a **fazer.** Deus é o nosso Pai Celestial eterno. Somos todos representantes desse maior de todos os empreendimentos familiares, ao qual Jesus se referiu como os "negócios de meu Pai", isto é, de incutir e produzir integridade, caráter e vida eterna na vida de seus filhos. E uma das coisas que deveríamos fazer freqüentemente é andar na força do Espírito e, mais uma vez postados diante do Sinai, fazer o inventário das coisas que Deus, pessoalmente, rotulou de proibidas. E a ênfase de uns "murrozinhos" na mesa ajudar-nos-á a decidir com mais firmeza a eliminar as coisas que **não** devem ser feitas em quaisquer circunstâncias. E que Deus nos ajude nisso, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Elevar aos Céus Nosso Olhar"

John H. Vandenberg

Assistente do Conselho dos Doze

No Livro de Jó, o Senhor, falando-lhe, diz:

"Agora cinge os teus lombos, como homem; e perguntar-te-ei, e tu responde-me.

"Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência.

"Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? ou quem estendeu sobre ela o cordel?

"Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina?

"Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38:3-7)

Este trechinho das Escrituras, cremos nós, alude à nossa preexistência com Deus, quando, em sua presença, rejubilavamo-nos com o anúncio que fez a nós, seus filhos, do plano da criação da terra, na qual habitaria a raça humana. Acreditamos que, ao ser apresentado, concordamos com esse plano e recebemos o privilégio de progredir em nossa existência eterna.

Henry Ward Beecher[1] afirmou: "Deus não pergunta ao homem se ele aceita viver. Este não pode escolher; tem que viver. A única escolha é como." Eu diria, parenteticamente, que nós escolhemos vir à terra. Deus não força seus filhos.

A escolha que nos preocupa agora é como iremos viver a nossa vida. Temos o arbítrio de efetuar tal escolha, reagindo às condições em que nos encontramos durante o tempo de vida. Somos obrigados a escolher, já que estamos rodeados pelos elementos e recursos da terra, bem como pelas pessoas com quem convivemos. Das palavras dos profetas às dos ateus, a questão é sempre a mesma: Como sairemos? Elevar-nos-emos ou decairemos? Cumpriremos os propósitos da vida, ou ela será vã?

Aceitando a vida, temos que nos relacionar com o mundo como ele é — com a luta entre o bem e o mal. Naturalmente, há alguns que nos querem convencer de que não existe isso de bem ou mal, mas esta filosofia contraria as leis naturais dos opostos, como calor e frio, luz e trevas, gravitação e vácuo e muitas outras. Temos que usar os olhos para poder enxergar, os ouvidos para ouvir, e a mente para sermos capazes de pensar e tomar nossas próprias decisões, enquanto refugamos as bagatelas de tudo o que vemos e ouvimos, a fim de chegar à verdade daquilo que sentimos em nosso coração, como é afirmado pelo Santo Espírito.

A fé em Deus é um requisito prévio para a influência do Santo Espírito. A crença em Deus é o fundamento de uma vida plena e feliz. Sem essa crença, a vida pode ser desperdiçada. A existência de Deus é evidente por todo o universo.

Abraão Lincoln disse: "Posso admitir a possibilidade de um homem olhar para a terra e ser ateu, mas não consigo concebê-lo, erguendo os olhos para os céus e dizendo que

não há Deus." Creio ter entendido o que Lincoln quis dizer com isso.

Anos atrás, aceitei um convite para uma excursão de pais e filhos, na qual os participantes passaram um dia árduo, porém interessante, cavalgando para um lago nas montanhas de Idaho. Tarde da noite, depois de consumidas todas as fogueiras e de todos terem-se acomodado ao relento, fiquei deitado de costas, fitando o céu. Era uma noite escura, sem luar; eu nunca vira uma noite tão bela. O céu fervilhava de estrelas e planetas refulgentes. Quão insignificante me senti em comparação àquele vasto universo! Fui tomado de um sentimento de apreciação ao pensar na glória de Deus, na obra de suas mãos, a terra, os céus, tudo isso criado para um só propósito — seus filhos, o gênero humano. Jamais esqueci-me daquela experiência, cuja magnitude me assoberbou.

Ela me traz à memória um incidente que li a respeito do naturalista William Beebe[2], quando visitou outro naturalista chamado Theodore Roosevelt[3]. Descrevendo essa visita, William Beebe conta que, todas as noites, depois de um bate-papo na casa de Roosevelt em **Sagamore Hill,** os dois saíam de casa e olhavam para o firmamento para ver quem conseguia descobrir primeiro certo débil clarão enevoado, por trás do canto inferior esquerdo da grande constelação de Pégaso. Então um deles recitava: "Esta é a galáxia espiralada Andrômeda, do mesmo tamanho da nossa Via Látea. É uma entre cem milhões de galáxias; está situada a 750.000 anos/luz, consistindo de cem bilhões de sóis, cada um maior que o nosso." Após um momento de silêncio, Theodore Roosevelt sorria, dizendo: "Agora acho que estamos bastante pequenos. Vamos para a cama."

Podeis imaginar como Moisés se sentia, ao dizer: "Agora por isto sei que o homem nada é, coisa que nunca havia imaginado" após ter sido "arrebatado a uma montanha sumamente alta" e ter visto "Deus face a face" e falado com ele? (Moisés 1:10, 1:2) No mesmo capítulo, lemos que "Moisés olhou e viu o mundo sobre o qual fora criado; e viu o mundo e seus confins e todos os filhos dos homens, que são e que foram criados, ficando grandemente maravilhado e assombrado." (Moisés 1:8)

E então apareceu Satanás e tentou Moisés, ordenando em alta voz: "Eu sou o único Unigênito, adora-me.

"E... Moisés começou a ficar possuído de grande temor; e... sentiu a amargura do inferno. Não obstante, clamando a Deus, ele se fortaleceu e ordenou: Retira-te de mim, Satanás, porque somente a este único Deus adorarei, o qual é o Deus da glória.

"E então Satanás começou a tremer, e a terra estremeceu; e Moisés... invocou a Deus, dizendo: Em nome do Unigênito, retira-te daqui, Satanás.

"E... Satanás gritou em voz alta... e dali se retirou, mesmo da presença de Moisés.

"E quando Satanás se retirou... Moisés levantou os olhos aos céus, enchendo-se do Espírito Santo, o qual dá testemunho do Pai e do Filho;

"E, invocando o nome de Deus, de novo contemplou sua glória, pois estava sobre ele..."

E Moisés contemplou a terra e todos os seus habitantes, e viu muitas terras. E Moisés "implorou a Deus, dizendo: Rogo-te que me digas por que são estas coisas assim e por que meio as fizeste?

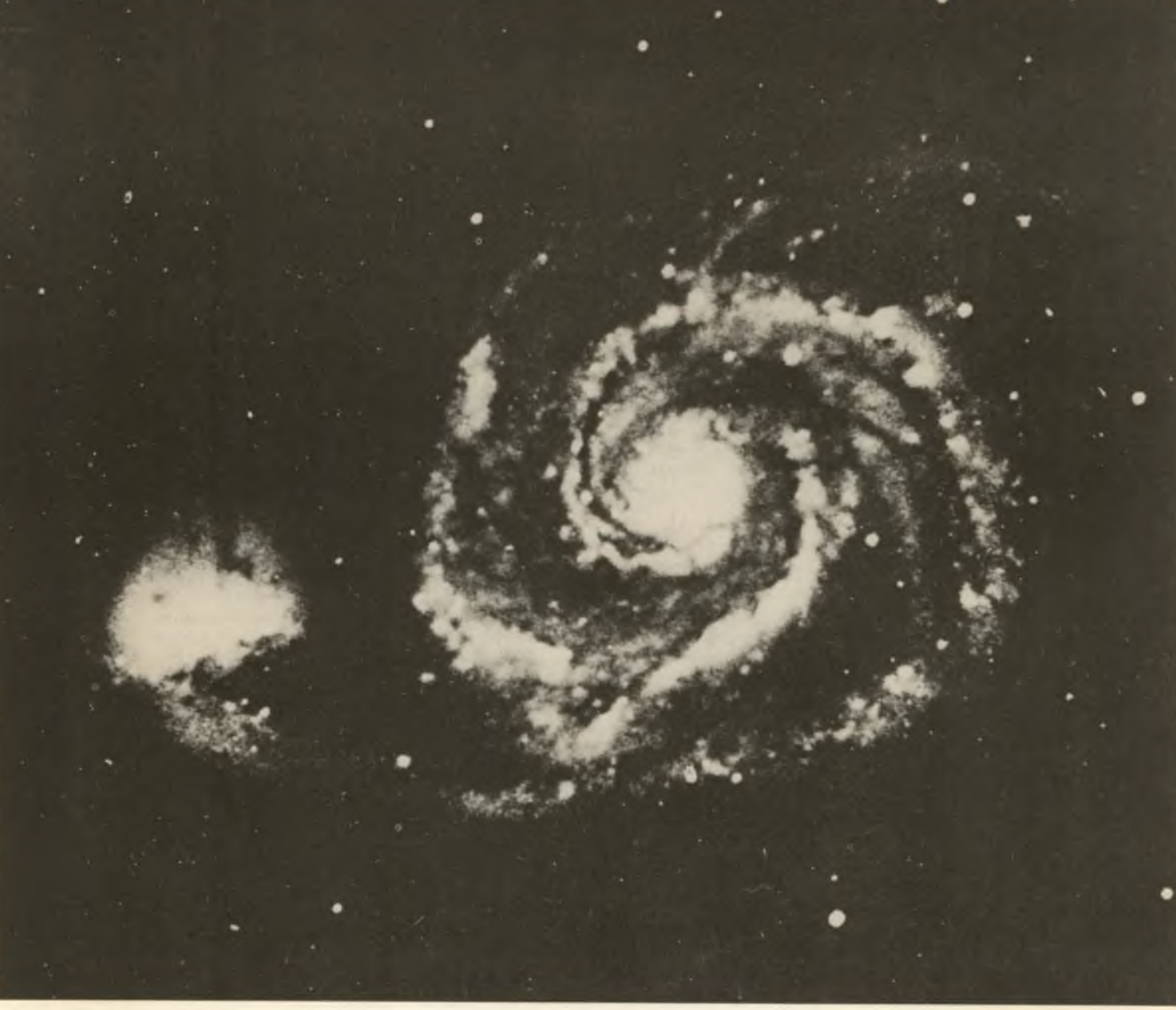
"E então a glória de Deus desceu sobre Moisés, de modo que ele esteve em sua presença e lhe falou face a face. E o Senhor disse a Moisés: Fiz estas coisas para meu próprio intento...

"E eu as criei pela palavra do meu poder...

"E criei mundos sem número, e também os criei para o meu próprio intento; e por meio do Filho, que é o meu Unigênito...

"Mas eu só te darei um relato desta terra e dos seus habitantes. Porque eis que há muitos mundos que pela palavra do meu poder deixaram de existir. E há muitos que hoje existem e são incontáveis para o homem; mas para mim todas as coisas estão contadas, porque são minhas e eu as conheço.

"E... Moisés falou ao Senhor, dizendo: Sê misericordioso para com teu servo, ó Deus, e dize-me as coisas concernentes a esta terra e a seus habitantes e também aos céus; então teu servo ficará satisfeito.



"E Deus, o Senhor, falou a Moisés e disse: Os céus são muitos e são incontáveis para o homem; mas para mim são contados, porque eles são meus.

"E assim como deixará de existir uma terra com seus céus, assim também aparecerão outras; e não têm fim as minhas obras, nem tampouco as minhas palavras.

"Porque eis que esta é a minha obra e minha glória; proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:19-22, 24-25, 30-33, 35-39)

Imaginai o impacto dessa declaração. Todas as criações de Deus feitas para um único propósito — proporcionar a imortalidade e a vida eterna a seus filhos.

Moisés tomou consciência da magnitude da criação e de seu propósito em primeiro lugar, falando face a face com Deus e contemplando suas obras. São poucos os que tiveram tal experiência. Mas outros têm contemplado a majestade de Deus através de suas obras. Abraão Lincoln declarou tal convicção, ao dizer que não conseguia conceber como alguém, olhando para os céus, pudesse negar a existência de Deus. Eu também tive um testemunho inesquecível das obras de Deus, ali deitado de costas nas montanhas de Idaho. Muitos, sem dúvida, poderiam concorrer com uma experiência assim, pois como foi dito: "Temos que, a despeito de nós mesmos, elevar aos céus nosso olhar."

Ao falar com Moisés, o Senhor descreveu-lhe a criação da terra e como havia formado o homem, instruindo-o a ensinar seus filhos a distinguir entre bem e mal, e "que todos os homens, em todas as partes, devem arrepender-se, ou de nenhuma maneira herdarão o reino de Deus, porque ali não pode morar coisa imunda...

"...te dou o mandamento de ensinar estas coisas sem reserva a teus filhos, dizendo:

"Que por causa da transgressão

vem a queda, que traz a morte; e como haveis nascido no mundo pela água, sangue e espírito que fiz, e assim haveis tornado do pó, alma vivente, mesmo assim tereis de nascer de novo no reino do céu, da água, e do Espírito, e ser limpos pelo sangue, até mesmo o sangue do meu Unigênito, para que sejais santificados de todo pecado e gozeis das palavras da vida eterna neste mundo e da vida eterna no mundo vindouro, até mesmo glória imortal.

"Porque pela água guardareis o mandamento, pelo Espírito sereis justificados, e pelo sangue sereis santificados.

"Portanto, é dado para que permaneça em vós; o testemunho do céu; o Confortador; as coisas pacíficas da glória imortal; a verdade sobre todas as coisas; o que vivifica todas as coisas; o que dá vida as coisas; o que conhece todas as coisas, e tem poder, de acordo com a sabedoria, a misericórdia, a verdade, a justiça e o juízo.

"E eis que agora te digo: Este é o plano de salvação para todos os homens, através do sangue do meu Unigênito, que virá no meridiano dos tempos." (Moisés 6: 57-62)

"Posso admitir a possibilidade de um homem olhar para a terra e ser ateu, mas não consigo concebê-lo, erguendo os olhos para os céus e dizendo que não há Deus"

Abraão Lincoln

Assim, pois, a criação do mundo, o plano de salvação — tudo isso é para nós. Convém que todos os pais se compenetrem disso, para que possam corresponder aos anseios do filho, da criança, tão habilmente descritos por Mamie Gene Cole em seu poema "O Apelo da Criança". (Transcrição livre e aproximada do original inglês. N.T.)

Sou a criança
Cuja vinda o mundo todo aguarda.
A terra inteira, interessada,
observa o que serei.
A civilização de mim depende,
Pois como eu sou, o mundo será
amanhã.
Sou a criança
Cheguei ao vosso mundo do qual
tudo ignoro.
Por que vim, não sei;
Como vim, também não sei.
Sou curiosa, quero saber.
Sou a criança
Tendes nas mãos o meu destino.
De vós, em muito depende meu
sucesso ou fracasso.
Dai-me, imploro-vos, aquilo que
leva à felicidade.
Instrui-me, peço-vos, para que me
torne uma bênção para o mundo.

Que responsabilidade imensa para um pai e mãe responderem a este apelo do filho: "Dai-me, imploro-vos, aquilo que leva à felicidade." A primeira coisa que nos vem à mente é que não podemos dar aquilo que não temos. Será que nós, os pais, temos essas coisas que trazem felicidade, cujo fundamento é a compreensão do plano de Deus segundo foi revelado a Moisés, e tentamos viver de acordo com tal plano?

Será que nos consideramos felizes? Um moço, certa vez, elaborou uma lista de todos os itens que considerava necessários para ser feliz. Incluiu coisas tais como dinheiro, renome, honra, sucesso e amor. A lista era bastante extensa, e julgava não ter esquecido nada; mas, mostrando-a orgulhosamente a certo amigo idoso, este comentou: "Você esqueceu-se da coisa mais importante de todas — paz de espírito." O moço declarou que, naquela ocasião, não conseguiu entender quão certo estava o amigo.

Paz de espírito, uma consciência tranquila, era tida pelo Presidente David O. McKay como o primeiro requisito da felicidade. Disse ele: "É maravilhoso a gente poder deitar-se à noite com a consciência tranquila, sabendo que fez o melhor possível para não ofender ninguém e que não feriu ninguém... Estas e mais outras incontáveis virtudes e condições estão encerradas no Evangelho de Jesus Cristo." **(Man May Know for Himself** /Deseret Book Co. 1967/ p. 458).

Algumas outras condições que levam à felicidade são a aptidão de seguir o que se sabe ser o certo, controlar os apetites e paixões, ser capaz de tomar as próprias decisões, não sentir inveja dos outros, saber comunicar-se com Deus em oração, ser livre e senhor de si.

O segundo apelo da criança — ensiná-la a ser uma bênção para o mundo — —é companheiro da felicidade, pois exige atos por parte do indivíduo, numa expressão de serviço e despreendimento em favor de seus semelhantes.

Ouvistes dizer que cada um de nós é, ou parte do problema ou parte da resposta, subentendendo-se que o mundo está repleto de problemas. Se sois parte da resposta, então sois uma bênção para o mundo e podeis ensinar vossos filhos a seguirem vossos passos. Os tidos como bênção para o mundo tentarão fazer o seguinte: (1) ajudar seus semelhantes, (2) não infringir os direitos alheios, (3) obedecer às leis de Deus e às de seu país, (4) defender o direito e combater o mal, e (5) compartilhar a verdade com outros, lembrando-se, e muito bem, de que o maior dom de Deus é o seu plano de salvação.

Que possamos guiar nossa vida e a de nossos filhos nessa direção, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

1. **Henry Ward Beecher (1813-1887) — Editor e clérigo protestante norte-americano.**
2. **William Beebe (1877-1962) — Naturalista e escritor norte-americano.**
3. **Theodore Roosevelt (1858-1919) — 26.º presidente dos Estados Unidos, 1901-1909.**

Após a conferência geral da Igreja, em abril deste ano, um cavalheiro cristão, sincero e devoto, escreveu: "Que Deus os abençoe e ao trabalho maravilhoso que estão fazendo. Oro para que consigam manter Satanás fora de sua igreja, uma vez que fracassamos em mantê-lo longe da nossa."

Infortunadamente não fomos capazes de excluir Satanás totalmente da nossa igreja — ou melhor, da igreja do Senhor. Nem todos nós nos protegemos, vivendo retamente, contra os poderes de Satanás e suas hostes.

Testifico, com toda sinceridade, que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o derradeiro baluarte de tudo o que é decente, espiritual, valioso e bom na vida. E a nós, a todos os seus membros, cabe provar pelo exemplo e por obras, que isto é verdade.

O Senhor advertiu seus filhos de que, nos últimos dias, Satanás terá poder sobre o seu próprio domínio. (Vide D&C 1:35) E hoje estamos nestas condições, como se evidencia pelo crescente número de mortes, desrespeito à lei e transgressões morais. Todos os sagrados padrões do passado estão-se esboroando sob a pressão perversa de grupos agnósticos, ateus, subversivos e radicais. Pessoas mal intencionadas obtêm lucros financeiros explorando drogas, álcool, prostituição, pornografia e negócios desonestos, indiferentes à destruição dos valores morais, éticos e espirituais.

O único meio de amarrar Satanás é o povo afastar-se das suas tentações e engodos, e andar circunspecta e retamente diante do Senhor. (Vide I Tim. 6:5-7)

Satanás e seus asseclas estão constantemente à procura de pontos fracos na nossa armadura de proteção espiritual, e quando encontram algum, aplicam contra ele toda a pressão e estratagemas, a fim de se infiltrarem em nossa alma, destruindo-nos.

Se as transgressões dos homens continuarem nessa tendência ascendente, e o mundo amadurecer em iniqüidade, certamente os julgamentos de Deus serão derramados profusamente sobre os iníquos da terra. Nossa única esperança de proteção divina está em instilar o desejo de retidão e humildade nos corações dos homens, no mundo inteiro. Temos a promessa do Senhor de que ele terá poder sobre os seus santos e reinará no seu meio. Levar uma vida virtuosa exige verdadeira coragem e propósito.

Uma vez que possui a palavra de Deus e um entendimento dela, nenhum membro deveria jamais sucumbir às tentações do maligno. Fomos devidamente instruídos, mas nem todos vivemos de acordo. Quantos entre nós, em virtude do fracasso em guardar os mandamentos de Deus, introduzem o demônio em sua vida, em seu lar, nos templos de Deus, nas reuniões sacramentais e outras, da Igreja? Temos as Escritu-

Nossa Responsabilidade: Salvar o Mundo

Delbert L. Stapley

Do Conselho dos Doze

ras, e entre nós, os oráculos de Deus, para nos dirigir e guiar em todas as atividades da vida. O Senhor espera que sejamos diferentes dos outros povos do mundo. Escolheu-nos como o **seu** povo; contudo, temos de provar que realmente o somos por nossa conduta, comportamento e obediência aos seus mandamentos.

Não faz muito tempo, um líder do Escotismo de destaque nacional, não-membro, esteve na Cidade de Lago Salgado, num encontro com escotistas da Igreja. Ele comentou a maneira esplêndida que a Igreja tem utilizado o escotismo em benefício da rapaziada. Em sua palestra, afirmou o seguinte: "...Acredito que a Igreja irá salvar o mundo... É uma afirmação ousada... mas é verdadeira, e espero que vocês se recordem sempre de sua responsabilidade."

Escrevi a esse amigo, pedindo permissão para citar suas palavras. Respondendo à minha solicitação, escreveu: "Tenho a satisfação de dizer que não mudei de opinião a respeito do que se referiu em sua carta. Na verdade, teria imenso orgulho de vê-la empregada, sempre que fôr apropriado. O senhor e seus associados estão fazendo um magnífico trabalho. Prossigam assim."

Que conceito maravilhoso e elevado este amigo tem da Igreja e seus membros!

Acredito que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias poderá salvar o mundo, se os seus membros viverem realmente como convêm aos santos de Deus. Toda vez que falhamos em viver os princípios do Evangelho, alguém por certo estará observando nossa conduta e formando uma opinião desfavorável sobre nós e os valores espirituais da Igreja. Nossa fidelidade dá sentido às doutrinas que pregamos. O Salvador destacou esta verdade, dizendo: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus." (Mateus 5.16)

Salvar o mundo é uma responsabilidade imensa; responsabilidade que cabe não só à liderança da Igreja, mas igualmente a toda a sua congregação. O verdadeiro Evangelho de Cristo é a esperança do mundo. É o único plano que unirá os grupos étnicos e nacionais, e derrubará as barreiras que atualmente dividem a humanidade. A História tem provado que o homem não pode viver em paz e segurança, como esquecer-se de Deus ou de seu Filho, nosso Salvador. Não há indivíduo ou povo que consiga, simultaneamente, estar em rebeldia contra os mandamentos de Deus e em harmonia com ele. Hoje em dia, vemos rebelião declarada contra a ordem de decência estabelecida e desobediência às leis de Deus e do homem em muitas partes do mundo.

Na qualidade de membros da Igreja, o que estamos fazendo para salvar o mundo? Em primeiríssimo lugar, temos que cumprir os mandamentos. Temos que ser honestos com nós mesmos e com os outros. Devemos ser moralmente limpos e não viver segundo um dúplice padrão moral. Não podemos ter duas personalidades — uma para o domingo e outra para os restantes seis dias da semana.

Um membro recém-convertido escreveu uma carta, na qual compara a religião mórmon a uma "golfada de ar fresco e puro", dando em seguida oito razões pelas quais deixou sua antiga igreja, filiando-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Vou enumerá-las com breves comentários meus.

1. Vida exemplar em família. O lar determina em muito maior grau nossas atitudes e propósito do que amigos e companheiros, escola ou universidade, vida profissional ou social: ele é o primeiro e importante campo de treinamento da juventude. Um lar SUD ideal é aquele em que existem elevados padrões, mantidos dentro de uma atmosfera de confiança, paz, companheirismo e felicidade.

2. Auto-confiança e responsabilidade. A todos os membros, desde o berço até o túmulo, são ensinadas auto-confiança e responsabilidade. Alcançar a vida eterna é uma obrigação pessoal.

3. Disciplina moral e física. Paulo, o apóstolo, aconselhou aos santos gálatas: "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: Prostituição, impureza, lascívia... homicídios, bebedices... Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé." (Gálatas 5:19, 21-22)

O Presidente David O. McKay sempre dizia que, para o controle moral, precisa haver auto-domínio, auto-disciplina e auto-controle.

O Presidente Joseph F. Smith declarou: "Homem algum está seguro, sem que tenha domínio próprio, e não existe tirano mais impiedoso ou tão temível como um apetite ou paixão incontrolável." (A Doutrina do Evangelho)

O Salvador advertiu-nos: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade o espírito está pronto mas a carne é fraca." (Mateus 26:41)

4. Obediência filial. O Apóstolo Paulo aconselhou aos jovens efésios: "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa; para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra." (Efésios 6:1-3)

Disse também aos santos hebreus, referindo-se ao Cristo: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu." (Hebreus 5:8)

A obediência não se restringe aos pais terrenos. É nossa obrigação, como filhos do Pai Celestial, sermos obedientes às suas leis e mandamentos.

5. Busca da perfeição e excelência em todas as coisas. O Evangelho é para o aperfeiçoamento dos santos. O Salvador admoesta: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:48)

Jesus perguntou aos seus discípulos: "...que classe de homens devereis ser?..." Depois respondeu à sua própria pergunta, dizendo: "Em verdade vos digo que devereis ser **como eu sou.**" (3 Néfi 27:27. Grifo nosso) Ele viveu uma vida tão perfeita, que pôde desafiar seus seguidores: "...segui-me... e fazei as coisas que me vistes fazer." (2 Néfi 31:12)

6. Castidade e respeito ao sagrado convênio do casamento. Foi muito alentador o noticiário sobre a nova **Miss** América, Laura Lea Shaefer que, respondendo corajosamente às perguntas em sua primeira entrevista coletiva à imprensa, disse não acreditar nas relações sexuais pré-nupciais e ser contra elas. Acho que o uso de maconha leva às drogas mais fortes e que o aborto deveria ser ilegal, acrescentando: "Não sou uma universitária típica, mas sinto que minhas colegas e a maioria dos jovens é da mesma opinião." Que belo exemplo para a juventude da América são estes seus padrões de conduta pessoal!

A infidelidade é uma violação do convênio matrimonial e que tantas vezes resulta em divórcio, o qual solapa o senso de segurança dos filhos, levando-os freqüentemente à ingestão de drogas, à imoralidade e outras práticas pecaminosas, como também ao afastamento da Igreja. Se todos os casais cumprissem fielmente seus convênios conjugais, hoje haveria menos problemas e sofrimento no mundo. Os filhos planejariam naturalmente um casamento sagrado e seguro, se os pais lhes dessem o exemplo de amor, confiança e metas familiares eternas.

7. Padrões educativos elevados. Somos ensinados que "A glória de Deus é inteligência, ou, em outras palavras, luz e verdade." (D&C 93:63) O Senhor recomendou: "E co-

mo nem todos têm fé, buscai diligentemente e ensinai-vos uns aos outros palavras de sabedoria; sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118)

Foi-nos dito também: "Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição. E, se uma pessoa por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." (D&C 130:18-19)

8. "A última, mas não menos importante," diz este recém-convertido, "é o bom senso." Bom senso sugere capacidade sem sofisticação ou conhecimento especial. É simplesmente um senso de julgamento bom, sadio e prático. Todos nascem com certa medida de bom senso. É só uma questão de aplicá-lo, de ponderar as coisas, em lugar de agir precipitadamente.

Estas oito razões significativas e importantes são pontos que todos nós deveríamos lembrar e seguir em nossa vida.

O Evangelho pode apenas inspirar as pessoas a viverem seus padrões de conduta moral e espiritual. Nós não sacrificamos coisa alguma quando abandonamos os caminhos do mundo e guardamos fielmente os mandamentos de Deus, pois tal merecimento na vida mortal nos assegura o direito às mansões do nosso Pai Celestial, após deixarmos esta vida. Poderia haver recompensa mais gloriosa e satisfatória?

Tendo sido avisado da destruição de Jerusalém, o Profeta Léhi tomou sua família e mais uns poucos e abandonou aquela cidade sagrada. Após três dias no deserto, acamparam num vale, às margens de um rio (Vide I Néfi 2:6) que desembocava no Mar Vermelho. Durante a jornada, Léhi teve sérios problemas com os dois filhos mais velhos. Contemplando a caudal do rio, sentiu-se induzido a dizer ao filho: "Oh! Tu poderias ser como este rio, aproximando-te continuamente da fonte de toda retidão!" (I Néfi 2:9)

Muitos rios nascem de fontes de água pura, cristalina, jorrando da vertente de uma montanha. E conforme a água vai serpeando em direção ao mar, recebe tributários que engrossam a corrente principal. Alguns desses afluentes estão poluídos e contaminam o rio principal, que era puro na origem. Quando, finalmente, chega ao mar, a poluição se instalou dentro dele.

Quão semelhante à vida esta representação simbólica! O Senhor revelou-nos que "todo espírito do homem no princípio era inocente; e tendo-o Deus redimido da queda, o homem se tornou outra vez, em seu estado de infância, inocente diante de Deus." (D&C 93:38) Lembrando-nos disto, é fácil entender por que o Salvador afirmou: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mateus 18:3)

Quando a criança atinge a idade da responsabilidade, adverte o Senhor, vem "aquele ser iníquo pela desobediência... e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade." (D&C 93:39)

Esta revelação nos ensina que, no princípio da vida mortal, todo homem é inocente diante de Deus e, por conseguinte, é igual ao rio nascente de água, pura e imaculada. Assim como afluentes poluídos deságuam no rio principal, nossa vida também é poluída, quando permitimos o fluxo de elementos maléficos e iníquos. É contra tais afluxos do mal que devemos precaver-nos e fortificar. **Iniquidade nunca foi felicidade,** pelo contrário, é deprimente; destrói a consciência e finalmente a vida espiritual do transgressor contumaz. A criança mal ensinada e mal educada pelos pais tende a sucumbir às tentações, contaminando e arruinando assim sua vida, agora e para sempre. Não devemos esquecer que nada impuro pode chegar à presença de Deus. Ninguém pode sair ganhando ao seguir o caminho do mal. Quanto mais cedo aprendermos esta lição, tanto mais compensadora e proveitosa será nossa vida.

É minha prece fervorosa que todos nós sejamos firmes, constantes, inabaláveis na guarda dos mandamentos de nosso Senhor, mantendo assim Satanás fora da Igreja.

Dirigindo nossos esforços nesse sentido, seremos exemplos dignos daquilo que pregamos, estando seriamente engajados em compartilhar o conhecimento do Evangelho com nossos amigos e associados, testemunhando e testificando da divindade deste nosso trabalho. Que Deus nos abençoe assim, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

APUCARANA EM DESTAQUE

Cidade relâmpago, surgindo como cogumelos na terra fértil, do patrimônio setentrional, Apucarana é hoje o cruzamento da coluna vertebral da economia brasileira, compreendida e definida pelos entroncamentos: Rio, São Paulo, Apucarana, Pôrto Mendes, que é também o eixo principal da economia paranaense, definida pelas ligações: Paranaguá, Curitiba, Apucarana e Pôrto São José.

Nessa região onde predomina a terra roxa, excelente ao cultivo, a Igreja Mórmon, está estabelecida há muito, contando com mais de 600 membros.

O ramo de Apucarana, uma das unidades da Missão Brasil Central, com seu potencial, desponta para a grande realização almejada por seus membros: a construção de sua capela, já em franco desenvolvimento estando com os alicerces já assentados.

A liderança local presidida pelo irmão José Garcia Testa, tem depositado todo ânimo e força na realização dessa obra.

Congratulações aos santos por mais essa realização.

MISSÃO BRASIL SUL

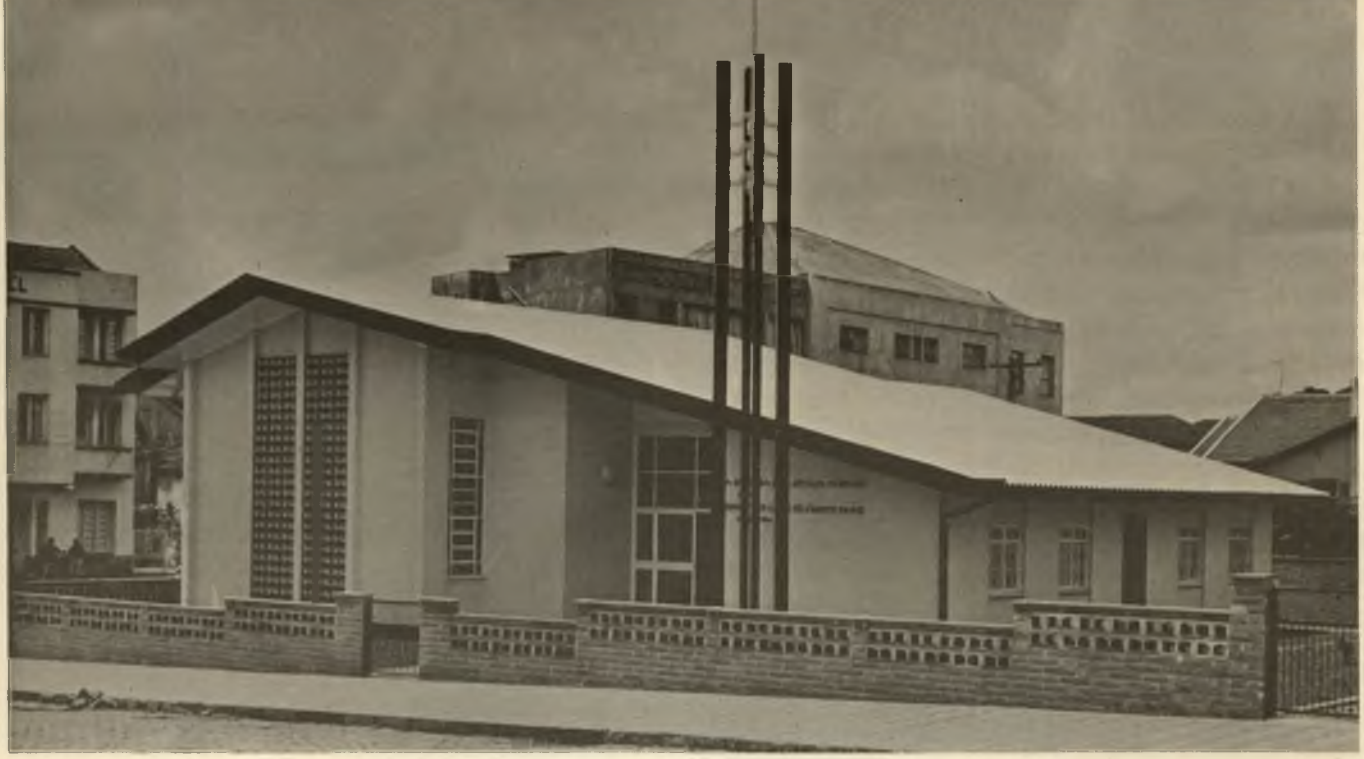
Capital do Trigo Dedica Capela ao Senhor

Erechim, cidade gaúcha, que se limita ao norte com o Rio Uruguai e ao sul com Passo Fundo, distante de Pôrto Alegre cerca de 267 km em linha reta, importante na vida agrícola do Estado, é carinhosamente denominada **Capital do Trigo,** devido a sua alta importância na produção desse cereal.

Colonização iniciada em princípios do século XX, congrega aproximadamente 67.000 habitantes. A Igreja Mórmon teve grande penetração a partir de 1967, quando foram batizados os primeiros conversos, e atualmente conta com mais de 200 membros.

O Ramo de Erechim, uma das unidades que compõem a Missão Brasil Sul, dedicou uma nova capela ao serviço do Senhor. A liderança local, presidida pelo presidente Celso Capudi Neto, não mediu esforços para a obtenção desse pronunciado progresso.

Parabéns, Erechim



Novas Autoridades Gerais

Entre as Autoridades Gerais apoiadas na sessão de abertura da 142.ª Conferência Geral da Igreja, realizada a 6 de abril p.p., no Tabernáculo da Cidade do Lago Salgado, contavam-se dois novos assistentes dos Doze e um novo Bispado Presidente.

Como assistentes dos Doze, foram nomeados o Bispo Presidente John H. Vandenberg e o seu primeiro conselheiro, Bispo Robert L. Simpson. Com isto, o corpo de Assistente dos Doze passa a ser de quinze.

O Novo bispo presidente é Victor L. Brown, que servia como segundo conselheiro do Bispo Vandenberg, desde outubro de 1961.

Como conselheiros do Bispo Brown, foram designados H. Burke Peterson, de Phoenix, Arizona, um representante regional dos Doze; e Vaughn J. Featherstone, presidente da Estaca Boise Norte (Idaho). O Bispo Featherstone é um ex-membro do Comitê Missionário do Sacerdócio da Igreja.

Em seu novo cargo, o Élder Vandenberg atuará como diretor-gerente do novo Departamento de Propriedades e Instalações da Igreja, que deverá coordenar os atuais departamentos — de Construções, de Manutenção e Conservação de Edifícios, e Imobiliário da Igreja.

H. Burke Peterson

Vaughn J. Featherstone

Paralelamente, desempenhará ainda importante papel na administração de várias propriedades agrícolas da Igreja.

O Élder Simpson será o sucessor do Élder Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze, como diretor-gerente dos Serviços Sociais da Igreja. O Élder Ashton passará a ser o supervisor deste departamento, em substituição ao Élder Marion G. Romney, do Conselho dos Doze.

Os dois novos conselheiros no Bispado Presidente possuem grande experiência em liderança na Igreja, bem como em seus respectivos campos profissionais, onde são nomes de destaque.

O Bispo Peterson, 48 anos, é eminente engenheiro civil e sócio na Engineering Corporation of America, que serve Arizona, Colorado e Utah.

O Bispo Featherston, 41 anos, é um executivo no ramo mercantil, atualmente gerente de treinamento para **Albertson Inc.**, uma cadeia de super-mercados da região oeste.

Primeiro Bras

a Serv

Representante Re

Em recente seminário especial, realizado na Cidade de Lago Salgado, foram instruídos pela Primeira Presidência os 35 novos representantes regionais, dentre eles o **primeiro brasileiro** a ocupar essa função, perfazendo o total de 108 representantes para as diversas regiões do mundo em que a Igreja está situada.

O presidente Antônio Carlos de Camargo, campineiro de nascimento, manteve seus primeiros contatos com a Igreja ainda jovem, através das aulas de inglês que participava, no ano de 1946. Após sua conversão, ocupou inúmeros cargos. Relembrando esse tempo, quando as dificuldades enfrentadas eram inúmeras principalmente pela falta de manuais, servindo como professor, traduzia semanalmente materiais didáticos usados pela Igreja nos EE.UU. e os ministrava aos membros.

Dirigindo-se aos jovens quando da realização de conferência da ESP.

Ao centro, Élder Marvin Ashton, sendo recebido pelo Pres. Shermann H. Hibbert, da MBC e Pres. Camargo, Cons. da ESP. em 3. 3. 70.

Da esq. para à direita, Osiris C. Tavares, 1.º Cons; Antonio C. Camargo, 2.º Cons; saudoso irmão Eduardo Tomanik, Secretário; sentado Pres. Walter Spät, quando da organização da ESP em 1. 5. 66.

Sua antiga vizinha e colega de infância, irmã Maria Amélia, reencontrou-o na Igreja, mais tarde tornando-se sua esposa. O casal tem dois filhos: Estevão, ex-missionário na Missão Brasil Norte, atualmente residindo na cidade de Provo, frequentando a Universidade de Brigham Young, e Douglas.

O jovem casal no ano de 1954, partiu para os Estados Unidos para estudar, estabelecendo-se na sede da Igreja. O irmão Camargo

A esq. Irmã Maria Amélia Camargo, Pres. da Soc. de Socorro, da ESP, recebendo a visita de Sister Asthon em 3.3.70, juntamente com líderes das estacas dessa organização.

eiro Chamado

como

gional dos Doze

Aldo Francesconi

frequentou a Universidade de Brigham Young, bacharelou-se na Administração e posteriormente completou seus estudos de mestrado na Universidade de Utah.

Iniciou sua vida profissional trabalhando na Companhia Steiner, na Cidade de Lago Salgado, quando em 1962 foi destacado para dirigir uma filial da companhia no Brasil. Retornando ocupou vários cargos na liderança local da Igreja, e quando da criação da Estaca São Paulo em 1-5-1966, foi chamado a servir como conselheiro da presidência, posição que vinha ocupando até então.

Seu chamado como Representante Regional, na realidade equivale a um chamado de professor, pois a Igreja está empenhada em estender todos os programas que existem numa ala ou estaca organizada, à todas as partes do mundo.

Além de trabalhar com a estaca de Curitiba, sua área de responsabilidade compreende os distritos da Missão Brasil Sul. O objetivo principal é fazer com que cada distrito da missão funcione como se fosse uma estaca, apenas com a denominação de distrito e tão logo esteja com a liderança formada e os programas executados estará apto a se tornar uma estaca.

Parabéns, presidente Antônio Carlos de Camargo.

Estevão Camargo, atualmente estudando na B.Y.U.

A partir da esq. Pres. Camargo, Pres. Spät e Pres. Queirós, constituiam a ex-presidência da ESP no ano de 1971.

Pres. Camargo, participante ativo das aulas em sua ala.